

# MagisCultura



Revista de cultura e arte dos magistrados mineiros

Mineira

Abril de 2013

***Eduardo Frieiro,  
o amigo dos livros***

***Cervantes e os  
Quixotes de toga***

***Adélia Prado  
e o ritmo da poesia***

**E MAIS:**  
**Gogol, João Pinheiro,  
inconfidentes, poesia, crônica**

9

# SUMÁRIO



## CAPA

### O trem da esperança

A capa desta edição de MagisCultura faz uma homenagem ao trem de ferro, que durante décadas percorreu os caminhos de Minas, transportando alegrias e tristezas de sua gente, muito mais que a produção agrícola do nosso sertão ou o rico minério do nosso subsolo. Praticamente sepultado, mais pelo descaso dos governantes com o modal do transporte ferroviário do que pelo progresso tecnológico, a “Maria Fumaça” resiste como atração turística em alguns recantos de Minas, junto com a esperança de que a ferrovia volte a figurar na preocupação dos agentes públicos e privados como alternativa eficaz de transporte de massa.

Foto de Sérgio Falci.



## HISTÓRIA

### O inconfidente que escapou da condenação na devassa

José Anacleto Ferreira

4



## ARTIGO

### Quixotes de toga

Rogério Medeiros Garcia de Lima

10



## HISTÓRIA

### João Pinheiro da Silva, um líder à frente do seu tempo

Aluizio Alberto da Cruz Quintão

22



## CONVIDADA ESPECIAL

### Adélia Prado, a desdobrável

Manoel Marcos Guimarães

26



### Explicação de poesia sem ninguém pedir

Adélia Prado

28



### Divinópolis

Adélia Prado

29



## POESIA

### O trem de ferro

João Quintino Silva

30



### Meio-amor

Paulo Rubens Salomão Caputo

32



### Como o Bolero de Ravel

Llewellyn Davies A. Medina

33



## ENSAIO

### Eduardo Friero

O grande amigo dos livros

Gutemberg da Mota e Silva

34



## LITERATURA

**Pela Avenida Niévski  
em companhia de Gogol**

Matheus Chaves Jardim

42



## MÚSICA

**A casa da Mariquinhas**

Marcos Henrique Caldeira Brant

46



## CRÔNICA

**Pedras quebradas, anúncio de alboradas**

José Fernandes Filho

48

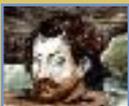


## CONTO

**O imaginário coletivo do Sacro Império  
das Serras do Espinhaço**

Juscelino Magalhães

50



## CARTAS

58

*Errata: A foto/reprodução da ficha funcional do poeta Alphonsus de Guimaraens publicada na MagisCultura 8 (pág. 21) é de Renata Caldeira, da Ascom do TJMG.*

# EDITORIAL

## Vale o sentimento

Os mais jovens certamente não a conheceram, mas as gerações médias mineiras jamais irão esquecer as histórias que viveram ou ouviram seus pais contarem sobre as viagens na 'maria fumaça', aquela locomotiva movida a carvão que durante décadas cruzou os caminhos e alguns descaminhos das Minas e dos Gerais, transportando pessoas e, junto com elas, alegrias e tristezas, esperanças e desencantos.

Alegrias e tristezas, esperanças e desencantos que também estão presentes nos ricos textos que ora entregamos aos nossos leitores, nesta nova edição de *MagisCultura*. O momentâneo desencanto de Eduardo Frieiro, ao destruir seu primeiro diário; a esperança nunca esmorecida do 'cavaleiro da triste figura' de Cervantes; a alegria de um passeio com Gogol ou dos fados portugueses ou do Bolero de Ravel; as tristezas da morte e até algumas da vida, resumidas em prosa e verso.

Pois tudo isto está em nossa revista, que tem a 'maria fumaça', o trem de ferro, como fio inspirador e a honra de poder homenagear aquela que, não fosse a superficialidade da expressão, poderíamos chamar de 'primeira dama' da poesia mineira: Adélia Prado. Adélia, a que aprendeu que a coisa mais importante do mundo é o sentimento e vem nos revelando isto a cada momento, em cada novo poema, como os dois que nos autorizou a republicar.

Esta é a *MagisCultura*, a revista dos magistrados mineiros que assumo agora em pleno voo altivo, solene, elegante, para continuar espalhando aos quatro cantos e recantos de Minas e do Brasil o pensar e o sentir dos colegas juizes e desembargadores.

Boa leitura!

**Herbert Carneiro**  
Presidente

# MagisCultura

Mineira

Revista de cultura e arte dos magistrados mineiros

ISSN 1984-5081

### Amagis - Diretoria Triênio 2013-2015

**Presidente:** Desembargador Herbert Carneiro

**Vice-presidente Administrativa:** Juíza Luzia Divina de Paula Peixoto

**Vice-presidente Financeiro:** Juiz Luiz Carlos Rezende e Santos

**Vice-presidente de Saúde:** Juiz Maurício Torres Soares

**Vice-presidente do Interior:** Juíza Ivone Campos Guillarducci Cerqueira

**Vice-presidente Sociocultural-Esportivo:** Desembargador Tiago Pinto

**Vice-presidente dos Aposentados e Pensionistas:** Desembargador Tibagy Salles Oliveira

**Diretor-secretário:** Juiz Morvan Rabêlo de Rezende

**Subdiretora-secretária:** Juíza Maria das Graças Rocha Santos

**Diretoras de Comunicação:** Juízas Aldina de Carvalho Soares e Rosimere das Graças do Couto

**Diretora do Centro de Estudos da Magistratura:** Desembargadora Jane Ribeiro Silva

**Vice-diretor do Centro de Estudos da Magistratura:** Juiz Luiz Guilherme Marques

**Diretores Culturais:** Desembargador Guilherme Luciano Baeta Nunes,

Desembargadora Mariângela Meyer Pires Faleiro e Juiz Mauro Simonassi

**Conselho Deliberativo:** Juiz José Aluísio Neves da Silva (Presidente), José Roberto Sterse (Vice-presidente) e Juiz Antônio Carlos Parreira (Secretário)

**Assessores Especiais da Presidência:** Desembargadores Tiago Pinto, Nelson Missias de Moraes, Reynaldo Ximenes Carneiro, Doorgal Gustavo Borges de Andrada e Márcio Aristeu Monteiro de Barros, Ministro Paulo Geraldo de Oliveira Medina e Juiz Lailson Braga Baeta Neves  
**Coordenador de Comunicação:** Bruno Gontijo (MTb - MG 11008)

• **Conselho Editorial:** Juiz Maurício Torres Soares (presidente), Desembargador Célio César Paduani, Juiz Daniel César Botto Collaço, Desembargador João Quintino Silva, Desembargador Luiz Carlos Biasutti, Juiz Renato César Jardim, Jornalista e escritor Carlos Herculano

**Diretor da Revista:** Juiz Renato César Jardim

**Editor Responsável:** Jornalista Manoel Marcos Guimarães (JP 1587/MG)

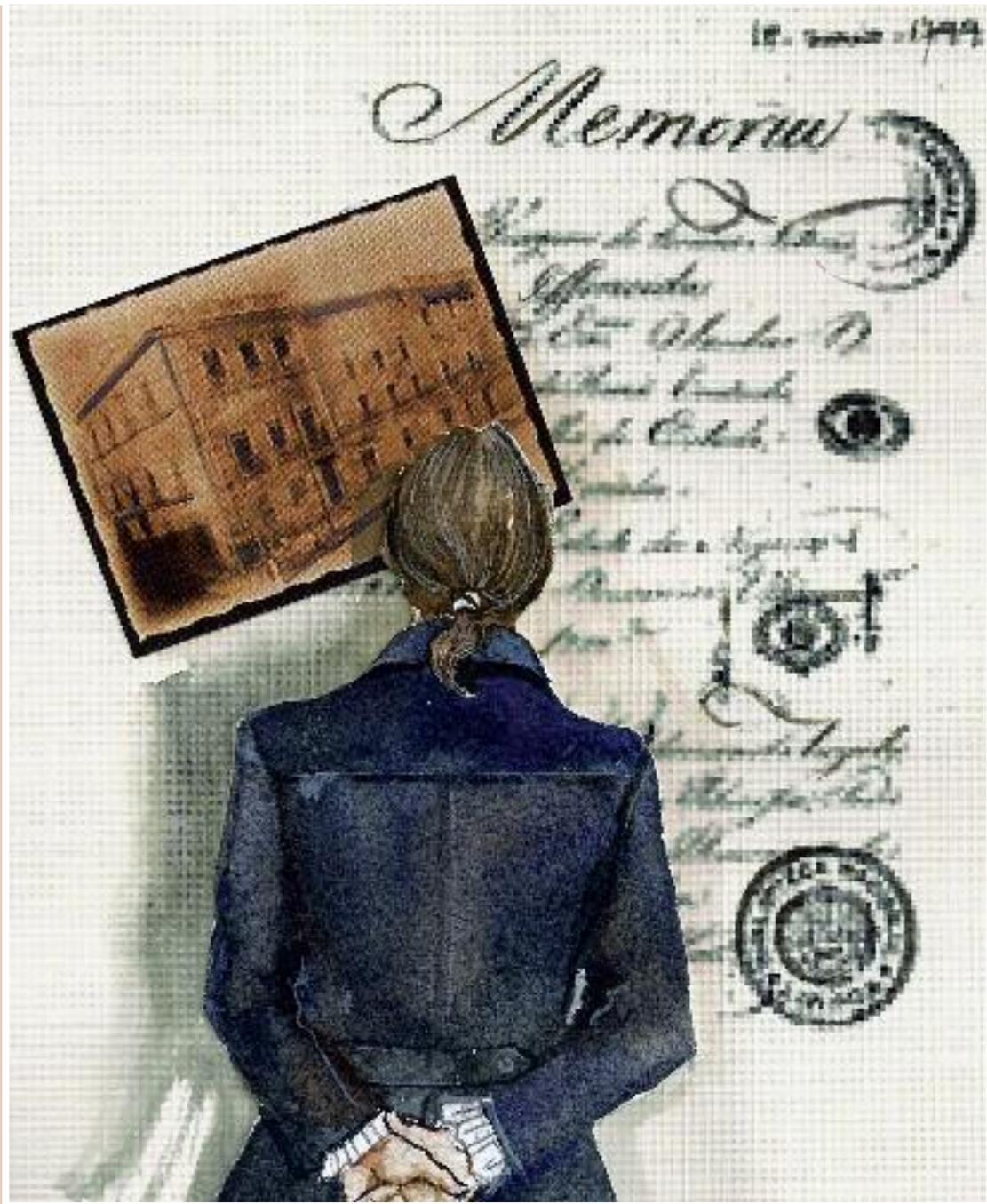
**Proj. gráfico e editoração eletrônica:** Rachel G. Magalhães (www.communicatio.com.br)

**Ilustrações:** Sandra Bianchi

**Impressão:** Rona Editora

**Tiragem:** 2.500 exemplares

• **Envio de textos para publicação:** leia normas na terceira capa



# O inconfidente que escapou da condenação na devassa

José Anacleto Ferreira  
Juiz de Direito aposentado

Quando se compulsam os *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira*<sup>1</sup> percebe-se claramente que nem tudo que acontecia era trazido para o processo. Vasta documentação paralela, também constante da publicação, relata a interferência direta do Visconde de Barbacena, governador Luís da Cunha Meneses, bem como do vice-rei Luís de Vasconcelos e, posteriormente, do vice-rei Conde de Resende, aos quais também os juizes encarregados das devassas prestavam contas e dos quais recebiam ordens e orientações.

Por outro lado, também os inconfidentes tinham suas fontes de informação e seus meios próprios de comunicação, e poucos foram os efetivamente apanhados de surpresa. Alguns chegaram mesmo a fugir antecipadamente, como o Padre Toledo, que passou largo tempo escondido em Itambé, ou o próprio Tiradentes, que, seguido pelos espiões do Visconde de Barbacena, também foi apanhado, armado, em seu esconderijo no Rio de Janeiro.

Apesar de bem informado sobre fatos e pessoas, o Visconde de Barbacena fez questão de formalizar em processo as medidas que deveriam ser tomadas contra os revoltosos. Para isso, exigiu que os traidores da causa libertária lançassem em documento escrito as denúncias que verbalmente lhe tinham feito. De posse desses escritos, encaminhou-os ao vice-rei Luís de Vasconcelos, seu tio, que governava do Rio de Janeiro.

Este então, em 7/5/1789, mandou instaurar o processo (devassa), nomeando como membros do tribunal colegiado os desembargadores José Pedro Machado Coelho Torres e Marcelino Pereira Cleto (*op.cit.* vol. 1, p. 22 e 24).

Também o Visconde de Barbacena instaurou devassa, em 12/5/1789, nomeando como juiz sindicante o desembargador Pedro José de Araújo Saldanha e, como escrivão, o ouvidor de Sabará, José Caetano César Manitti.

A abertura de dois processos, que correram paralelamente por muito tempo, para apuração dos mesmos fatos, não podia deixar de causar transtornos, que o vice-rei contornou, avocando para o Rio de Janeiro a devassa que corria na Capitania de Minas e anexando-a à outra.

## O “moço do Sabará”

O processo escrito era exigência da legislação da época, mas as formalidades escritas não suprimiam as diligências

extraprocessuais, de modo que, ao formularem perguntas aos réus ou testemunhas do processo, os juizes já tinham conhecimento antecipado de muitas informações, as quais apenas procuravam confirmar.

Assim é que, em vários interrogatórios, e em diversas oportunidades, os juizes perguntam pelo “moço do Sabará”, que seria um dos integrantes da revolta.

Normalmente os interrogados respondem que não conhecem tal “moço do Sabará”, o qual, entretanto, não deveria ser uma pessoa desconhecida e sem influência.

O próprio componente da Junta, o ouvidor José Caetano César Manitti devia conhecê-lo pessoalmente ou dele ter ouvido falar, pois ele residia em Caeté, então pertencente à comarca de Sabará e dela distante apenas 22 Km.

Como o fingido desconhecimento de quem se tratava, ou a simples referência ao “moço do Sabará” não surtia efeito, os juizes então declinavam o seu nome, “Dr. José Bittencourt”.

Os interrogados, aí, se lembravam de ter ouvido falar a respeito dele.

Por exemplo, o coronel de cavalaria Francisco Antônio de Oliveira Lopes, questionado sobre uma reunião em casa do tenente coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, relaciona entre os presentes “um doutor pequenino, cujo nome não sabia, das partes do Sabará” (vol. 4, p. 151; vol. 5, p. 58/59; p. 66; p. 175, 200, 324).

Do mesmo modo, o Padre Carlos Correia de Toledo questionado “se sabia ou tinha notícia [...] de alguma pessoa [...] das partes do Sabará [...] sabedor do projeto do levante” negou tal conhecimento. Indagado diretamente “se conhecia o Doutor José de Sá Bittencourt, assistente em Caeté” disse que não o conhecia, nunca o vira e dele nada sabia. (vol. 5, p. 165/167).

Tomás Antônio Gonzaga, acusado em inquirição de estar envolvido na Conjuração porque, apesar de não ser militar e não ser rico, era pessoa instruída, responde que tal fato não o tornaria culpado, pois no país havia “outros nacionais com os mesmos préstimos”. Instado a mencionar “os sujeitos nacionais do país com os mesmos préstimos de literatura”, relaciona, dentre outros, “no Sabará há um doutor moderno cujo nome ignora, mas que tem talentos” (vol. 5, p. 211).

José Álvares Maciel (vol. 5, p. 335 e segs.), que fora seu colega em Coimbra, não podia negar o conhecimento que tinha de José de Sá Bittencourt. Admite que o encontrava, quando ele ia a Vila Rica, mas diz desconhecer seu envolvimento na Conjuração.

Com sua identidade e atuação preservadas pelos demais inconfidentes, o dr. José de Sá Bittencourt e Accioli manteve-se quieto em casa de sua tia, em Caeté, durante quase todo o

<sup>1</sup> Publicação da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 11 volumes, sob o patrocínio da Câmara dos Deputados e do Governo do Estado de Minas Gerais, 1976. As fontes indicadas irão referir-se ao número do volume e à página.

desenrolar do processo. Entretanto, não estava livre de suspeita. Em longo relatório destinado a Martinho de Melo e Castro, secretário da Marinha e Ultramar, o Visconde de Barbacena diz que além das pessoas já presas, haveria um número muito maior de pessoas envolvidas e relaciona expressamente, entre vários que chama de “suspeitos”, “um doutor da mesma comarca (Sabará) vindo há pouco de Portugal, que parece ser José de Sá Bittencourt” (vol. 8, p. 196).

As suspeitas do Visconde de Barbacena não eram desarrazoadas, porque o dr. José de Sá Bittencourt e o seu colega, dr. José Álvares Maciel, eram dos poucos, se não os únicos, na Capitania de Minas, com formação e conhecimento técnico para a fabricação de pólvora e de armas de fogo, objetivo estratégico dos inconfidentes.

Estando o processo de devassa em andamento no Rio de Janeiro, talvez sabedor de que aumentavam as suspeitas do governador, o dr. José de Sá Bittencourt decide deixar Caeté e dirige-se para a Bahia, onde tinha familiares influentes.

## Nos interrogatórios, aulas de dissimulação

### Primeira Inquirição – 09/09/1791 (vol. 5, p. 557/562)

#### **Pergunta: - Sua qualificação?**

**JSB** – José de Sá Bittencourt, 36 anos, filho de Bernardino Rodrigues Cardoso, natural da Vila de Caeté de Minas Gerais, atualmente residente na Bahia, em casa de meus pais, solteiro, formado em Filosofia, vivendo do que me dão meus pais.

#### **P – Sabe por que foi preso?**

**JSB** – Desconfio que foi porque saí de Caeté.

#### **P – Sair da vila é delito?**

**JSB** – Ter saído de Caeté não é delito, mas como todas as perguntas que me fizeram tratam desse assunto, e como não tinha passaporte, creio que é por isso que estou preso.

**P – Como homem formado você sabe muito bem que a falta de passaporte não é delito. Você não está sendo sincero.**

**JSB** – Ao ser preso, pensei que a prisão seria por ter saído de Caeté. Mas depois de perguntas que me foram feitas pelo desembargador Marcelino Pereira Cleto, entendi que me consideram suspeito de ter entrado na sublevação de Minas, da qual só tive notícia depois das prisões dos envolvidos.

#### **P – Que sublevação, e por que seria suspeito?**

**JSB** – Dessa sublevação só vim a saber depois das prisões, e só sei o que normalmente corre como notícia. Penso que suspeitam de mim pelo modo como sou tratado, mas sou inocente. Durante todo o tempo que perduraram as devassas permaneci em Caeté e quando me retirei havia notícia de que elas estavam encerradas.

**P – Quando foi morar em Caeté; quanto tempo ali ficou? Por que não morava com os pais?**

**JSB** – Meus pais residiam na Vila de Rio de Contas, sertão da Bahia, e quando eu tinha 13 anos me mandaram para Minas, para estudar. Fiquei inicialmente em casa de meu tio, capitão-mor Domingos da Rocha. Falecendo ele, fui morar em Caeté com minha tia e permaneci com ela até que fui para Coimbra. Quando retornei de Coimbra, voltei a morar com ela.

**P – Por que, tendo residência estável, saiu de modo tão estranho?**

**JSB** – Quando vim para Minas, vim tratar de negócios de minha família e do casamento de minha irmã. Voltei para a casa de meus pais para prestar contas de minhas incumbências e também para lhes dar assistência, pois meus dois outros irmãos estão viajando, um em missão oficial, outro estudando em Coimbra.

Saí de Caeté sem esconder minha viagem. Fui até o Serro pelo caminho normal. Nesse lugar, tendo notícia de que havia soldados patrulhando o caminho comum, à procura de um homem saído de Minas, segui por outro caminho, o do sertão, para evitar o encontro com esses soldados, com medo de alguma violência. Chegando à Bahia, apresentei-me à autoridade e permaneci em casa de meus pais por mais de um ano, tratando publicamente de meus negócios.

Se me julgasse culpado, poderia facilmente ter tomado algum dos vários navios que aportaram na Bahia.

**P – Você está faltando com a verdade, pois sua saída de Caeté foi às escondidas, mas logo notada pelo governador. Seguir caminho diverso, para evitar os soldados, com medo de violência, é má desculpa, porque os soldados só agem contra ladrões ou salteadores, não contra viajante inocente.**

**JSB** – Saí de Caeté abertamente, e não às escondidas. Escolhi o caminho pouco frequentado porque, embora seja verdade que os soldados tenham por missão reprimir malfetores, nem sempre se está livre de violência.

### Segunda Inquirição – 10/09/1791 (vol. 5, p. 562/569)

**P – Diga a verdade, pois o temor pânico aos soldados só pode vir de quem é culpado de algum delito.**

**JSB** – Apesar de inocente, não descartei a possibilidade de sofrer violência por parte dos soldados, pois estava no Distrito Diamantino (onde a entrada devia ser previamente autorizada), ou eles poderiam querer mostrar zelo funcional, ou inventar um pretexto qualquer. Não fugi, apenas escolhi outro caminho. Ainda que tivesse fugido, entendo que a fuga não é indício de delito, embora não seja professor de Direito, sendo minha formatura

Ao invés de seguir o caminho normal, preferiu outro mais longo e difícil, porém menos vigiado. Dirigiu-se de Caeté ao Distrito Diamantino (Tejuco / Serro e Diamantina) e de lá pegou o “caminho do sertão”, ou seja, a trilha menos frequentada, usada para o transporte de gado e mercadorias da Bahia para Minas.

Chegou à Bahia, mas ali foi preso, por ordem do novo vice-rei, D. José de Castro, Conde de Resende, e a pedido do Visconde de Barbacena.

Trazido para o Rio de Janeiro, foi submetido a três interrogatórios. As perguntas que lhe foram feitas, bem como as respostas que deu, constituem um instrutivo episódio de técnica processual, de jogo de inteligência, de espertezas e artimanhas de um e outro lado, tudo traduzido em saborosa e escorreita linguagem. Vale a pena ver as principais perguntas e respostas, vertidas aqui para a linguagem atual.

em Filosofia e História Natural. (Nota: na época, o curso denominado de Filosofia compreendia as ciências naturais – botânica, geologia, mineralogia.)

**P – A estrada de Caeté para a Bahia, pública e seguida, passa pelo Distrito Diamantino, logo não pode considerar-se suspeito, nem ser importunado por soldados quem por ela transita. Ao contrário, quem transita por caminhos alternativos e incomuns é que pode ser considerado suspeito ou estar sujeito a violência.**

**JSB –** Nem sempre se age prudentemente. Se imaginasse que deixar a estrada comum para seguir a do sertão seria indício de delito, certamente não o faria.

**P – Quando se retirou de Minas, apresentou-se ao general para despedir-se e lhe comunicar que ia de uma Capitania para outra?**

**JSB –** Não me apresentei nem me despedi, porque não é costume tirar passaporte. Além disso, Caeté dista de Vila Rica 14 léguas.

**P – Ainda que não fosse obrigatório tirar passaporte, e apesar da distância de 14 léguas, deveria apresentar-se e despedir-se do general, se não houvesse motivo para ocultar sua retirada. A distância de 14 léguas não foi obstáculo para duas visitas que você fez antes ao general. O mesmo deveria acontecer para a despedida, que seria não só um ato de civilidade, mas também uma obrigação. A menos que o motivo de suprimir essa visita não seja o mesmo que o levou a evitar os soldados: a consciência de culpa.**

**JSB –** Pode ter sido falta de civilidade, mas não faltei a uma obrigação, nem entendi que assim fosse.

### Terceira Inquirição – 12/09/1791 (vol. 5, p. 570/572)

**P – Por que não veio aqui para o Rio de Janeiro, para depois seguir de navio para a Bahia, como se faz normalmente, e como você mesmo fez, quando veio da Bahia para Caeté?**

**JSB –** Não gosto da viagem por mar, não só pelos perigos que representa, mas também pela demora, pois em outra ocasião,

indo daqui para a Bahia, por mar, levei 44 dias. Além disso, por causa de doença de que padeço, recomendam-me os médicos que não coma carne salgada e me exercite a cavalo.

**P – Ainda agora está faltando com a verdade, porque a viagem por terra, e pelo sertão, também oferece perigos, como a travessia de córregos e rios. A viagem de navio não é perigosa como diz. O exercício a cavalo poderia ser feito de Caeté a esta cidade do Rio de Janeiro. Na viagem, só é obrigado a comer carne salgada quem não tem recurso algum, o que não é o seu caso. De qualquer modo, apesar dos incômodos relatados, você fez outras viagens de navio, indo e vindo de Caeté para a Bahia.**

**JSB –** A opção por terra ou por mar depende do gosto de cada viajante e muitos preferem a terra firme, cujos perigos são muito menores e menos certos que os do mar.

**P – Mais alguma coisa a acrescentar ou retirar de suas declarações?**

**JSB –** Tenho respondido de acordo com minha consciência a todas as perguntas que me são feitas, nada tendo a acrescentar ou retirar, e me disponho a responder com verdade a outras que porventura sejam necessárias.

“Tenho respondido de acordo com minha consciência a todas as perguntas que me são feitas.”

“Saiu-se tão bem nos interrogatórios o esperto dr. Bittencourt que o próprio desembargador presidente do processo recomendou ao vice-rei a sua soltura.”

### Duas arrobas de ouro pela liberdade

Saiu-se tão bem nos interrogatórios o esperto dr. Bittencourt que o próprio desembargador presidente do processo recomendou ao vice-rei a sua soltura. O Conde de Resende mandou liberá-lo e comunicou sua decisão ao Visconde de Barbacena (vol. 5, p. 572, vol. 11, p. 66).

Anos mais tarde, em 1821, ao entregar a José Bonifácio, então ministro do príncipe regente D. Pedro I, um relatório de pesquisa mineral a que procedera, o dr. José de Sá Bittencourt se gabava de ter escapado do processo “*onde a força da inocência e a presença de meu espírito pôde triunfar dos sofismas, sarcasmos e círculos viciosos do presidente que me fazia perguntas*” (vol. 9, p. 402).

Entretanto, embora sejam inegáveis a sabedoria, os méritos e os feitos do dr. José de Sá Bittencourt e Accioli, a versão mais corrente é que sua absolvição no processo de devassa não se deveu apenas à sua presença de espírito e à sua inteligência, mas também ao peso de **duas arrobas de ouro** que sua tia distribuiu entre as autoridades do processo (vol. 5, p. 572, nota de rodapé de Herculano Gomes Mathias).

Posto em liberdade, o dr. José Bittencourt voltou para a Bahia, onde, por sua capacidade técnica, foi encarregado de realizar pesquisas geológicas na região de Jacobina (BA). Nomeado inspetor das minas de salitre de Montes Altos, construiu a fábrica de salitre e uma estrada para escoamento da produção.

Comprou fazendas na região de Vitória da Conquista, dedicou-se à agricultura de algodão e à pecuária. De um pequeno arraial, surgido em sua fazenda Borda da Mata, posteriormente dividida, originou-se a atual cidade de Jequié.

O dr. José de Sá Bittencourt e Accioli voltou a estabelecer-se em Caeté, MG, em 1813, a chamado de sua tia, Maria Isabel de Sá Bittencourt, que o constituiu seu herdeiro universal.

Quando, em 1822, foi proclamada a independência do Brasil, acirraram-se os ânimos na Bahia, com forte resistência armada dos habitantes de Salvador à separação de Portugal. Em contrapartida, houve também **adesão às forças** do governo de D. Pedro I.

José de Sá Bittencourt e Accioli faleceu em 1828, em Caeté, MG, deixando 11 filhos. Alguns deles se destacaram, quer na política e na administração pública, quer em atividades privadas, em várias províncias (estados) do Brasil.

<sup>2</sup>Revista do Instituto Histórico, tomo VI, p. 108.” (vol. 6, p. 15).

“Afirmam os que conheceram essa senhora, na idade de 108 anos, que ela mostrava um lugar de suas lavras, onde dizia que Nossa Senhora do Bom Sucesso (padroeira de Caeté), lhe havia indicado para tirar em quinze dias meia arroba de ouro, com que inteirou duas para gastar com o livramento de seu sobrinho.”<sup>2</sup>

Caeté, 1823 – Caeté entra na guerra pela Independência do Brasil, enviando para a Bahia a importância de 437\$384 para as despesas do Estado e o primeiro batalhão de voluntários mineiros para a luta contra a resistência portuguesa à Independência, proclamada no ano anterior.

Lideram o movimento pela organização do batalhão o coronel José de Sá Bittencourt e o capitão-mor João Batista Ferreira de Souza Coutinho, que fardaram e sustentaram os recrutas.

Após a cerimônia da benção da bandeira e o juramento dos recrutas, o coronel José de Sá Bittencourt entregou a bandeira a seu filho, que era o comandante do primeiro batalhão de voluntários que seguiu de Minas para a Bahia.<sup>3</sup>

“A versão mais corrente é que sua absolvição no processo de devassa não se deveu apenas à sua presença de espírito e à sua inteligência.”

<sup>3</sup> [www.opiniaocaete.com.br/crbst\\_12.html](http://www.opiniaocaete.com.br/crbst_12.html).



# Quixotes de toga

Rogério Medeiros Garcia de Lima  
Desembargador do TJMG

“Ó incomparável autor! Ó feliz D. Quixote! Ó famosa Dulcinéia! Ó facecioso Sancho Pança! Juntos vivereis através das idades para recreio e regalo do gênero humano” (Miguel de Cervantes).

Carlos Mário da Silva Velloso, ex-presidente do Supremo Tribunal Federal, escreveu sobre Dom Quixote de La Mancha, personagem imortal da obra do escritor espanhol Miguel de Cervantes:

“O Quixote era a expressão maior do idealismo. Querer salvar o mundo, é extraordinário; julgar que é o salvador do mundo, é ridículo, já o proclamara San Tiago Dantas, escrevendo sobre o Quixote. A notável obra de Cervantes deve ser assim entendida. O Quixote não se julga o salvador do mundo. O Quixote quer salvar o mundo. [...] O Quixote é o meu herói” (revista *Justiça & Cidadania*, novembro 2011, p. 8).

O texto do ministro Velloso instigou-me. Após mais de duas décadas de exercício da magistratura, trago na alma a quimera do cavaleiro errante de Cervantes. Certamente, a mesma fantasia anima o espírito de incontáveis magistrados no Brasil e mundo afora...

## A vida de Miguel de Cervantes

Miguel de Cervantes Saavedra nasceu em Alcalá de Henares, Espanha, em 1547. Era filho de um modesto cirurgião e uma nobre empobrecida.

Estudou gramática e retórica com Juan López de Hoyos, famoso humanista espanhol, em Madri, onde também compôs seus primeiros sonetos (1567).

Em 1569, foi para Roma e serviu como camareiro do cardeal italiano Júlio Acquaviva. Na época, defendiam-se novos ideais de vida e princípios estéticos. Abriam-se caminhos em direção ao Barroco. Admirou, na Itália, as grandes obras da Renascença.

Em 1570, integrou tropas pontifícias na luta contra os turcos. Revelou coragem durante os combates. Perdeu a mão esquerda na batalha de Lepanto. Seu nome correu o vasto império espanhol como sinônimo de bravura e dedicação.

Em 1575, de regresso à Espanha, a galera em que Cervantes viajava foi tomada pelos turcos. Passou cinco anos preso na Argélia. Os mouros exigiram vultosa quantia para o resgate. O pai do escritor, sem posses, arrecadou a soma junto a familiares, fidalgos e padres compadecidos.

Quando Cervantes chegou à sua pátria, em 1580, ninguém mais se lembrava dele. Para sobreviver, engajou-se como soldado nas tropas de Felipe II. Depois de uma missão no norte da África, foi enviado a Portugal, então ocupado pelo duque de Alba.

Desiludido com a vida militar, Cervantes dedicou-se mais intensamente à literatura. Em Madri, concluiu *“Galateia”*, obra

iniciada no cárcere e que celebrava uma visão plácida e repousante do mundo.

Em 1584, casou-se com Catalina de Palácios. O casal se separou um ano após.

Para sobreviver, Cervantes aceitou o cargo de comissário real de abastecimento da Invencível Armada. Tornou-se, depois, coletor de impostos.

Acusado injustamente de desviar verbas, Cervantes foi encarcerado na prisão de Sevilha, onde se supõe tenha iniciado a obra-prima *“Dom Quixote de La Mancha”*, cuja primeira parte foi editada em 1605.

A segunda parte apareceu em 1615, quando o escritor já atingira o auge do talento em obras teatrais (*“O Cerco de Numância”*, *“A Viagem de Argel”*, *“Oito Comédias”*, *“Oito Prelúdios”* e outras) e muitas novelas (*“Novelas Exemplares”*, *“Amante Liberal”*, *“A Espanhola Inglesa”* e *“Senhora Cornélia”*).

Todavia, o brilho de suas peças foi ofuscado pelo gênio de Lope de Vega, cuja obra dominou todo o século XVII.

Cervantes morreu em Madri, no ano de 1616.

## Dom Quixote de La Mancha

A obra *“Dom Quixote de La Mancha”* foi inspirada em um caso real de loucura. Opondo-se à irrealdade das novelas de cavalaria andante, muito lidas na Espanha da época, Cervantes pretendeu fazer uma sátira da “propaganda cavaleiresca” e dos que se armavam cavaleiros às cegas:

“Este vosso livro (...) todo ele é uma invectiva contra os livros de cavalarias, dos quais nunca se lembrou Aristóteles nem vieram à ideia de Cícero” (CERVANTES, *“Dom Quixote de La Mancha”*, prólogo, p. 15).

Todavia, a caricatura de um estilo fantasioso transformou-se no retrato da aventura humana e no perfil do homem dividido entre sonho e realidade. Dom Quixote e Sancho Pança, surgidos da fantasia do artista, aparecem vivos e como se fossem personagens históricas.

*“Dom Quixote”* foi editado, reeditado, traduzido para todos os idiomas da Europa e tornou seu autor quase tão famoso como seus protagonistas. Ainda assim, Cervantes não enriqueceu com a literatura.

Segundo Charles van Doren (*Breve historia del saber*, pp. 252-254), se os *“Ensaaios”* de Montaigne não são o livro do Renascimento por excelência, então esse título corresponde, sem dúvida, ao *“Dom Quixote”*. Que melhor maneira há de anunciar a chegada de um novo mundo do que escarnecer do anterior e fazer com que todos riam consigo? E conclua:

*"Puesto que el alto y enjuto caballero y suo rondo escudero capturaron de inmediato y para siempre la imaginación de todo el mundo, su image és la más conocida de todos los personajes de ficción de la literatura mundial."*

Igualmente analisou o crítico norte-americano John Macy (*História da Literatura Mundial*, p. 161):

*"'Dom Quixote' passou para todas as línguas modernas, tornando-se um dos grandes livros da humanidade. Os dois heróis encontram-se no curso das aventuras com toda a espécie de homens e neles Cervantes retrata o caráter do seu povo. Mas os heróis centrais são mais que espanhóis. Somos todos nós – cavaleiros andantes do sonho e filósofos do terra-a-terra prático."*

A influência de Dom Quixote – uma das maiores obras-primas da literatura de todas as épocas – estendeu-se ao longo do tempo a escritores, pintores, escultores, dramaturgos, cineastas e músicos. Muitos deram sua versão pessoal do "Cavaleiro da Triste Figura" e seu leal escudeiro.

Otto Maria Carpeaux (*Tendências Contemporâneas na Literatura*, p. 173) citava o crítico suíço Martin Bodmer:

*"As grandes obras da literatura universal são comparáveis aos 'campos de energia' da física: irradiam energia espiritual por todos os tempos. Assim, os 'campos de energia' Homero, Virgílio, Dante, Cervantes, Shakespeare, Goethe, Dostoievski etc., e esse 'etc.' garante a continuidade do processo. É igualmente contínuo o processo em direção inversa: as obras permanentes mudam de aspecto, pelos novos ambientes em que começam a agir."*

Harold Bloom (*O Cânone Ocidental*, p. 11) incluiu Miguel de Cervantes entre raros escritores integrantes do chamado "cânone ocidental", cujas qualidades "os tornam canônicos, ou seja, obrigatórios em nossa cultura".

No Brasil, por exemplo, aponta-se influência de Dom Quixote em Policarpo Quaresma, de Lima Barreto; em Simão Bacamarte, de Machado de Assis; e em Guimarães Rosa (CRUZ, BERNARDO e DACANAL).

Destacou Ivan Junqueira (*Cervantes e a Literatura Brasileira*):

O vernáculo incorporou palavras derivadas do personagem universal de Cervantes (*Novo Dicionário Brasileiro Melhoramentos*, vol. 2, p. 170, e vol. 4, p. 45):

**"Dom-quixote.** 1. Indivíduo que, ingenuamente, pretende ajudar os bons, castigar os maus e corrigir injustiças, defendendo causas alheias em prejuízo próprio. 2. Pessoa alta e magra, de triste figura.

**"Dom-quixotesco (quixotesco, quixótico).** Próprio de dom-quixote, ou que se lhe assemelha.

**"Dom-quixotismo.** Ações ou modos como os de Dom Quixote.

**"Quixotada (quixotice).** Ato ridículo, com pretensões a cavalheiresco; bazófia, fanfarrice, fanfarronada" (grifei).

*"Também a prosa de ficção que se escreveu durante o século passado no Brasil revela, em alguns casos, uma inequívoca influência do Dom Quixote. Prova disso é o romance 'Fogo morto', de José Lins do Rego, publicado em 1943 e no qual a personagem do capitão Vitorino Carneiro da Cunha é uma espécie de Dom Quixote do sertão nordestino. Além deste, quatro outros ficcionistas deixaram-se embeber pelos temas cervantinos: Lima Barreto, Dalton Trevisan, Autran Dourado e Ariano Suassuna, particularmente no 'Romance da Pedra do Reino', de 1971, e na 'História do rei degolado nas caatingas do sertão', de 1976. Entre os poetas brasileiros contemporâneos que pagam algum tributo ao mito de Cervantes, lembrem-se, Alphonsus de Guimaraes, Manuel Bandeira, Augusto Frederico Schmidt, autor de 'A visita', obra-prima de prosa evocativa em que o autor se imagina recebendo Dom Quixote em sua casa, onde lhe confessa as angústias pessoais e o temores sobre a vida do país; e, mais de que qualquer outro, Carlos Drummond de Andrade, talvez o maior dentre todos os poetas de nossa modernidade e que nos legou, sob o título de 'Quixote e Sancho, de Portinari', um conjunto de 21 poemas originalmente escritos para um livro de arte com desenhos do grande pintor Cândido Portinari e depois recolhidos na coletânea poética 'As impurezas do branco', publicada em 1973."*

Domício Proença Filho também discorreu sobre a obra cervantina (*Estilos de Época na Literatura*, pp. 36-37):

*"Quer-nos parecer que (...) o escritor se coloca a serviço da sociedade, aponta os caminhos que julgar válidos, e procura conduzir a comunidade a estes caminhos. Ele é um combatente. Um 'engagé'. Sem deixar, entretanto, de ser um artista. (...)*

*"E o bravo e audaz 'Don Quijote, el Caballero de la Triste Figura', o que pretende quando vai pelo mundo a 'deshacer agravios', a fazer justiça? (...) Não morrer. Fazer-se famoso 'en los presentes y en los venideros siglos'. Viver na memória de todos, ânsia de vida imortal, mola mestra da atitude quixotesca. (...)*

*"A literatura é então ânsia de imortalidade, pois, afinal, como diria Machado de Assis:*

*'Esta é a glória que fica, eleva, honra e consola'" (grifos no original).*

## Dom Quixote, Humanismo e Renascimento

A história da nossa civilização começa com a civilização dos gregos. Do mesmo modo, o humanismo ocidental começa a se formar com o advento da cultura grega. Não há movimento humanista – inclusive o humanismo cristão – que, de uma forma ou de outra, não deite suas raízes no pensamento grego. Protágoras, que viveu na Grécia no século V a.C., assinalou: "o homem é a medida de todas as coisas" (NOGARE, 1981:25-31).

# “A influência de Dom Quixote – uma das maiores obras-primas da literatura de todas as épocas – estendeu-se ao longo do tempo a escritores, pintores, escultores, dramaturgos, cineastas e músicos.”

No campo literário, o período renascentista é identificado com a revalorização do homem.

O termo “*Renascimento*” foi criado por Giorgio Vasari (1511-1574), pintor e escritor italiano. É tradicionalmente empregado para designar, a partir do século XV, o ressurgimento da literatura e das artes por força da redescoberta de obras e autores da Antiguidade. Caracterizava uma volta ao passado, especialmente à cultura greco-latina, fonte por excelência do pensamento e da arte. O movimento foi impulsionado pelo entusiasmo de personalidades conhecidas como “humanistas”. Historiadores modernos ampliaram essas concepções e atribuíram à expressão “*Renascimento*” uma verdadeira ruptura com a religiosidade medieval, por eles considerada retrógrada. Assim, o “*Renascimento*” implica a redescoberta do homem. O teocentrismo da Idade Média cedeu lugar ao antropocentrismo. Reabilitou-se o paganismo, em função de uma “*revelação do homem e do mundo*” (AZEVEDO, 1990:337).

Antonio Carlos do Amaral Azevedo também definiu “Humanismo” (1990:212):

*“Termo empregado para designar um movimento cultural surgido na Europa, caracterizado por um interesse apaixonado pela Antiguidade clássica, isto é, greco-latina. Seus participantes eram intelectuais, não no sentido profissional, mas eruditos que descobriam nos textos gregos e romanos a sabedoria e beleza esquecidas pela Idade Média, conforme afirmavam. Viajantes infatigáveis, os humanistas consultavam nas bibliotecas e nos mosteiros os manuscritos dos autores antigos. Rejeitando o latim rude do período medieval, eles reencontraram a língua clássica, não só o grego e o latim, mas também o hebraico, e promoveram a retomada do estudo desses idiomas. (...) Otimista em relação ao mundo, o humanista não ama a erudição confinada nas bibliotecas ou nas clausuras dos mosteiros. Ao contrário do que acontecia na Idade Média – principalmente antes da formação das universidades – o humanista quer desfrutar do livro em companhia do público para o qual ele escreve. A uma concepção teocêntrica, que tem em Deus o centro do universo, opõe-se uma outra, antropocêntrica, que faz do homem o ponto de convergência para o saber. (...) O humanista acredita no homem, sem, entretanto, endossar espiritualmente o paganismo, sem deixar de amar a Deus, procura também amar a vida e a beleza, traços típicos da cultura greco-latina. A Itália foi o berço do humanismo manifestado em Petrarca (1304-1374), sem dúvida o mais conhecido dos humanistas italianos. Nas cortes dos príncipes e dos papas desenvolveu-se o mecenato, que, certamente, explica a quantidade de elogios nos textos dessa época. Ao findar o século XV, Florença, na figura de seu dirigente, Lourenço, o Magnífico, é um poderoso centro humanista. Da Itália, o humanismo espalha-se por toda a Europa. Seu grande mestre, holandês, é Erasmo, monge e teólogo, erudito e pedagogo. Na França, surge Lefèvre*

*d’Étaples, Guillaume Budé (fundador do ‘Colégio Real’, hoje ‘Collège de France’), Rabelais, erudito e curioso; e, ao findar do século XVI, Montaigne, moralista e cético. Inglaterra, Espanha, Portugal são também tocados pelo humanismo: a UTOPIA, do inglês Thomas Morus, aparece em 1516; no mesmo século, o português Luís de Camões e o espanhol Miguel de Cervantes escrevem duas obras imortais: OS LUSÍADAS e DON QUIXOTE DE LA MANCHA, respectivamente. O movimento humanista encerrou-se, praticamente, ao findar o século XVI. Um novo humanismo surgiria, entretanto, no século XVIII, acentadamente científico e humanitarista.”*

Igualmente, Jean-François Dortier (2010:280):

*“Antes de se tornar um termo muito em voga depois da Segunda Guerra Mundial, especialmente no âmbito do existencialismo, o humanismo designa o movimento cultural e social que surge no Renascimento, e ao qual se juntam, por exemplo, Leonardo da Vinci, Erasmo, Rabelais e Montaigne. Redescobre-se a literatura greco-latina, afasta-se a teologia, e a concepção do mundo se reorganiza em torno do homem. O humanismo contemporâneo retoma a fé no homem, mas refere-se mais amplamente a toda posição filosófica que reivindica a preeminência da reflexão sobre o homem e, especialmente, que*

defende no plano prático a liberdade e a dignidade humanas contra todas as formas de opressão”.

Domício Proença Filho (1969:112, 115 e 116) comentou *Os Lusíadas*, de Camões. O bardo português cantou “os feitos de armas e os varões ilustres que, saídos das praias de Portugal, enfrentaram o mar desconhecido”:

“Pelo espírito de universalidade vinham somar-se novos continentes e novos mares ao mundo relativamente limitado do homem medieval. Pelo espírito de volta à antiguidade, vinham incorporar o mundo antigo ao mundo moderno de então e dele fazer o mesmo modelo para a sociedade que pretendia renascer. Pelo conceito de humanidade, surgia um novo conceito de homem em que a noção de poder, como queria Bacon, iria constituir a expressão representativa da psicologia humana. Foi com o Renascimento que começou, para o Ocidente, o predomínio crescente das ciências naturais, da técnica e da ação, contra o predomínio anterior das ciências especulativas e da vida contemplativa sobre a vida ativa. O homem novo de então vinha trazer ao mundo um novo conceito do homem universal, do homem voltado para as coisas do mundo, da natureza, da vida terrena, da beleza criada, do saber, da cultura, do luxo, do requinte de viver, da aventura das letras humanas separadas ou distintas das letras divinas e voltadas para os modelos pagãos greco-romanos que se chamou de humanismo. Ao teocentrismo medieval se costuma opor então o antropocentrismo renascentista. A uma civilização voltada para o céu, sucedeu uma civilização voltada para a terra’ (AMOROSO LIMA, A. ‘Introdução à Literatura Brasileira’, pág. 24)” (grifos no original).

Nesse contexto renascentista, enfim, Cervantes brindou a literatura universal com a sua inigualável novela “Dom Quixote de La Mancha”.

#### Passagens marcantes de “Dom Quixote”

##### • **Alonso Quijano e os livros sobre cavalaria**

Alonso Quijano era um fidalgo que habitava uma aldeia da Mancha, na Espanha. Não possuía muitos recursos. Viviam em sua casa uma governanta, uma sobrinha e um criado. Tinha aproximadamente 50 anos, corpo magro e rosto seco. Era madrugador e gostava de caçar.

Narra Cervantes (“*Dom Quixote de La Mancha*”, pp. 29-30):

“Este fidalgo, nos intervalos que tinha de ócio (que eram os mais do ano), se dava a ler livros de cavalarias, com tanta afeição e gosto, que se esqueceu quase de todo do exercício da caça, e até da administração dos seus bens; e a tanto chegou a sua curiosidade e desatino neste ponto, que vendeu muitos trechos de terra de sementeira para comprar livros de cavalarias que ler, com o que juntou em casa quantos pôde apanhar daquele gênero. (...)”

“Com estas razões perdia o pobre cavaleiro o juízo, e desvelava-se por entendê-las, e desentranhar-lhes o sentido que nem o próprio Aristóteles o lograria. (...)”

“Em suma, tanto naquelas leituras se enfrascou, que passava as noites de claro em claro e os dias de escuro em escuro, e assim, do pouco dormir e do muito ler, se lhe secou o cérebro, de maneira que chegou a perder o juízo. (...)”

“Afim, rematado já de todo o juízo, deu no mais estranho pensamento em que nunca jamais caiu louco algum do mundo, e

“Pelo conceito de humanidade, surgia um novo conceito de homem em que a noção de poder, como queria Bacon, iria constituir a expressão representativa da psicologia humana.”

foi: *parecer-lhe convinhável e necessário, assim para aumento de sua honra própria, como para proveito da república, fazer-se cavaleiro andante, e ir-se por todo o mundo, com as suas armas e cavalo, à cata de aventuras, e exercitar-se em tudo em que tinha lido se exercitavam os da andante cavalaria, desfazendo todo o gênero de agravos, e pondo-se em ocasiões e perigos, donde, levando-os a cabo, cobrasse perpétuo nome e fama*”.

#### • **A armadura**

O fidalgo lançou mão de uma enferrujada armadura, que pertencera ao seu bisavô. Depois de limpá-la, notou que o capacete não tinha viseira. Fez uma de papelão. A seguir, pegou a espada e experimentou o gume na viseira improvisada. Ao primeiro golpe, destruiu num instante o que levava uma semana para fazer.

#### • **O cavalo Rocinante**

O fidalgo pensou em arranjar um cavalo. Havia na cavalaria um animal de aspecto miserável. Batizou-o de Rocinante:

*“Pareceu-lhe que nem o Bucéfalo de Alexandre nem o Babieca do Cid tinham que ver com ele”* (“*Dom Quixote de La Mancha*”, p. 30).

#### • **Dom Quixote de La Mancha**

Não há certeza sobre o verdadeiro sobrenome do fidalgo: Quijano, Quijada, Quesada ou Quexana. No entanto, acrescentou ao seu nome o de sua terra e passou a se chamar Dom Quixote de La Mancha. Em diversas passagens, o personagem é chamado “*Cavaleiro da Triste Figura*” (“*Dom Quixote de La Mancha*”, pp. 119, 126 e 144).

#### • **A grã-senhora Dulcinéia del Toboso**

O fidalgo pretendeu, por fim, ter uma dama a quem, segundo os antigos costumes, pudesse entregar o império do seu coração:

*“Foi o caso, conforme se crê, que, num lugar perto do seu, havia certa moça lavradora de muito bom parecer, de quem ele em tempos andara enamorado, ainda que, segundo se entende, ela nunca o soube, nem de tal desconfiou. Chamava-se Aldonça Lourenço; a esta é que a ele pareceu bem dar o título de senhora dos seus pensamentos; e, buscando-lhe nome que não desdissesse muito do que ela tinha, e ao mesmo tempo desse seus ares de princesa e grã-senhora, veio a chamá-la ‘Dulcinéia del Toboso’, por ser El Toboso a aldeia de sua naturalidade; nome este, em seu entender, musical, peregrino, e significativo, como todos os mais que a si e às suas coisas já havia posto. (...)”*

*“Não pode existir cavaleiro andante sem dama, porque tão próprio e natural assenta nos que o são serem enamorados, como no céu ter estrelas. (...)”*

*“O seu nome é Dulcinéia, sua pátria El Toboso, em lugar da Mancha; sua formosura, sobre-humana, pois nela se realizam os impossíveis e quiméricos atributos de formosura que os poetas dão às suas damas; seus cabelos são ouro; a sua testa campos elísios; suas sobranceiras arcos celestes; seus olhos sóis; suas faces rosas; seus lábios corais; pérolas os seus dentes; alabastro o seu colo; mármore o seu peito; marfim as suas mãos; sua brancura neve; e as partes que à vista humana traz encobertas a honestidade são tais, segundo eu conjeturo, que só a discreta consideração pode encarecê-las, sem poder compará-las”* (“*Dom Quixote de La Mancha*”, pp. 32, 75 e 76).

“Parecer-lhe  
convinhável e  
necessário, assim  
para aumento de sua  
honra própria, como  
para proveito da  
república, fazer-se  
cavaleiro andante.”

“Em uma cômica cerimônia, com a participação do “governador do castelo” (o estalajadeiro), foi sagrado cavaleiro.”

#### • **Partida em busca de aventuras**

Numa bela manhã, munido de tudo o que era necessário, envergou a armadura, montou o Rocinante e saiu secretamente ao encontro da primeira aventura:

*“Ditosa idade e século ditoso, aquele em que não de sair à luz as minhas famigeradas façanhas dignas de gravar-se em bronze, esculpir-se em mármore, e pintar-se em painéis para lembrança de todas as idades!” (“Dom Quixote de La Mancha”, p. 33).*

#### • **A estalagem e a “cerimônia” em que é armado cavaleiro**

Decidiu que seria armado cavaleiro pela primeira pessoa que encontrasse. Ao anoitecer, avistou ao longe uma estalagem, em cuja porta estavam “duas mulheres moças, destas que chamam de ‘vida fácil’”. Elas iam para Sevilha com uns arrieiros.

Dom Quixote imaginou que fosse um castelo. Bradou:

*“Minhas pompas são as armas,*

*“Meu descanso o pelejar. (...)*

*“Esta noite na capela deste vosso castelo velarei as armas, e amanhã, como digo, se cumprirá o que tanto desejo, para poder, como se deve, ir por todas as quatro partes do mundo buscar aventuras em proveito dos necessitados, como incumbe à cavalaria e aos cavaleiros andantes, qual eu sou, por inclinação da minha índole” (“Dom Quixote de La Mancha”, pp. 34 e 36).*

Em uma cômica cerimônia, com a participação do “governador do castelo” (o estalajadeiro), foi sagrado cavaleiro.

#### • **Queima dos livros**

Retornando Dom Quixote à aldeia de origem, o cura e o barbeiro, seus amigos, decidiram queimar os livros de cavalaria. Sentenciou o religioso:

*“Isso também eu digo, e à fé que não há de passar de amanhã, sem que deles se faça um auto-de-fé, e sejam condenados ao fogo, para não tornarem a dar ocasião, a quem os ler, de fazer o que o meu bom amigo terá feito” (“Dom Quixote de La Mancha”, p. 45).*

#### • **Sancho Pança**

Dom Quixote arregimentou um fiel escudeiro, Sancho Pança, humilde aldeão da região da Mancha. Prometeu torná-lo governador de uma ilha a ser conquistada.

*“Ia Sancho Pança sobre o seu jumento como um patriarca, com os seus alforjes e a sua borracha, e com muita ânsia de se ver já governador da ilha que o amo lhe havia prometido (...). Disse então Sancho Pança a seu amo:*

*– Olhe Vossa Mercê, senhor cavaleiro andante, não se esqueça do que prometeu a respeito da ilha, que lá o governá-la bem, por grande que seja, fica por minha conta. (...)*

*“Esteja descansado, senhor meu, tenho ânimo, tenho, e mais servindo a um amo tão principal como é Vossa Mercê, que me há de saber dar tudo que me esteja bem, e me couber nas forças” (“Dom Quixote de La Mancha”, pp. 53-54).*

#### • **Os moinhos de vento**

Dom Quixote investiu contra moinhos de vento, “gigantes” imaginários. Após dar uma lançada na vela do moinho, o vento a movimentou com tanta fúria, que fez a lança em pedaços e arrastou cavalo e cavaleiro. Rolaram miseravelmente pelo campo afora:

– *Valha-me Deus!* – exclamou Sancho. – *Não lhe disse eu a Vossa Mercê que reparasse ao que fazia, que não eram senão moinhos de vento, e que só o podia desconhecer quem dentro na cabeça tivesse outros?*

– *Cala a boca, amigo Sancho* – respondeu Dom Quixote; – *as coisas da guerra são de todas as mais sujeitas a contínuas mudanças; o que eu mais creio, e deve ser verdade, é que aquele sábio Frestão, que me roubou os aposentos e os livros, transformou esses gigantes em moinhos, para me falsear a glória de os vencer, tamanha é a inimizade que me tem; mas ao cabo das contas, pouco lhe hão de valer as suas más artes contra a bondade da minha espada. (...)*

*“Se me não queixo com a dor, é porque aos cavaleiros andantes não é dado lastimarem-se de feridas, ainda que por elas lhes saiam as tripas”* (“*Dom Quixote de La Mancha*”, pp. 55-56).

#### • **Bálsamo de Ferrabrás**

Dom Quixote se “*curava*” dos ferimentos com o “*bálsamo de Ferrabrás*”. Segundo a tradição, o gigante Ferrabrás, personagem da gesta francesa, roubou em Jerusalém dois potes desse medicamento, feito com os perfumes com que foi embalsamado o corpo de Jesus. Tinha a propriedade milagrosa de curar qualquer ferimento instantaneamente. Dizia Dom Quixote a Sancho Pança:

*“Uma só gota dele nos pouparia mais tempo e curativos”* (“*Dom Quixote de La Mancha*”, p. 63).

Não obstante, o cavaleiro, ao tomar a “*poção milagrosa*”, por ele mesmo preparada, vomitou até tombar desfalecido...

#### • **Elmo de Mambrino**

Dom Quixote pretendia resgatar o “*elmo de Mambrino*”. Reinaldo de Montalbán tirou a vida de Dardinel de Almante e arrebatou o famoso elmo encantado que sua vítima havia conquistado ao rei mouro Mambrino (“*Dom Quixote de La Mancha*”, p. 64).

O fidalgo deparou-se na estrada com um barbeiro, que cavalgava com uma reluzente bacia sobre a cabeça, para se proteger da chuva. Dom Quixote assaltou o barbeiro, para tomar-lhe a bacia, a qual julgava ser o “*elmo de Mambrino*” (“*Dom Quixote de La Mancha*”, p. 115).

#### • **A soltura dos presos**

Dom Quixote soltou presos, que seguiam para as galés por ordem de el-rei, sob escolta e acorrentados (“*Dom Quixote de La Mancha*”, pp. 121-128):

*“Como quer que seja, esta gente, ainda que os levam, vai à força, e não por sua vontade. (...) Pois sendo assim, aqui está onde acerta à própria o cumprimento do meu ofício; desfazer violências e dar socorro e auxílio a miseráveis (...)*

*“Façam favor de vos desacorrentar e deixar-vos ir em paz; não faltarão outros, que sirvam a el-rei com maior razão; porque dura coisa me parece o fazerem-se escravos indivíduos que Deus e a natureza fizeram livres; quanto mais, senhores guardas – acrescentou Dom Quixote –, que estes pobres nada fizeram contra vós outros; cada qual lá se avenha com o seu pecado. Lá em cima está Deus, que se não descuida de castigar ao mau e premiar ao bom; e não é bem que os homens honrados se façam verdugos dos seus semelhantes, demais sem proveito”*.

Os guardas fugiram assustados. Os presos livraram-se das correntes e se libertaram. Mas Dom Quixote queria uma retribuição dos recém-libertos:

## Alguns filósofos de Dom Quixote

*“O exercício que professo não me deixa jornadas de outra maneira. O bom passado, o regalo e o descanso inventaram-se para os cortesãos mimosos; mas o trabalho, o desassossego e as armas fizeram-se para aqueles que o mundo chama cavaleiros andantes, dos quais eu, ainda que indigno, sou um, e o mínimo de todos”* (“*Dom Quixote de La Mancha*”, p. 73).

*“Nas desgraças sempre a ventura deixa uma porta aberta para remédio”* (“*Dom Quixote de La Mancha*”, p. 87).

*“Sou um cavaleiro da Mancha chamado Dom Quixote; e é o meu ofício e exercício andar pelo mundo endireitando tortos, e desfazendo agravos”* (“*Dom Quixote de La Mancha*”, p. 105).

*“Sancho amigo, há de saber que eu nasci, por determinação do céu, nesta idade de ferro, para nela ressuscitar a de ouro, ou dourada, como se costuma dizer. Sou eu aquele para quem estão guardados os perigos, as grandes façanhas, e os valorosos feitos”* (“*Dom Quixote de La Mancha*”, p. 107).

*“Natural condição de mulheres desdenhar a quem lhes quer, e amar a quem as aborrece”* (“*Dom Quixote de La Mancha*”, p. 110).

*“De gente bem nascida é próprio – lhes disse o cavaleiro – agradecer os benefícios recebidos; e um dos pecados que mais ofendem o Altíssimo é a ingratidão. (...) Em paga do que queria e é minha vontade que carregando com essa cadeia que dos vossos pescoços tirei, vos ponhais para logo a caminho, e vades à cidade de El Toboso, e ali vos apresenteis perante a Senhora Dulcinéia, e lhe digais que o seu cavaleiro, o da Triste Figura, lhe manda muito saudar, e lhe conteis ponto por ponto toda esta minha famosa aventura, com que vos restitui à desejada liberdade. Feito isso, podeis vós ir para onde vos aprouver, e boa fortuna vos desejo”.*

Com a recusa dos libertos, Dom Quixote dirigiu-lhes impróprios:

*“Retirando-se à parte começaram a chover tantas pedradas sobre Dom Quixote, que poucas lhe eram as mãos para se cobrir com a rodela”.*

Furtaram, ainda, o asno de Sancho Pança, que, condoído, pouco antes havia dado esmola a um dos presos.

“Lá em cima está Deus, que se não descuida de castigar ao mau e premiar ao bom; e não é bem que os homens honrados se façam verdugos dos seus semelhantes, demais sem proveito.”

#### • **A penitência**

Sancho Pança foi em busca de Dulcinéia, a quem entregaria uma carta de seu amo. O escudeiro partiu, esquecido de levar a missiva. Deparou-se, no caminho, com o barbeiro e o cura, amigos de Dom Quixote:

*“Meu amo ficou a fazer penitência no meio desta montanha, muito por sua vontade” (“Dom Quixote de La Mancha”, p. 150).*

#### • **Sancho reencontra o asno**

Sancho Pança reencontrou o asno, furtado por um dos prisioneiros libertados por Dom Quixote:

*“Saltou Sancho aos abraços ao animal, dizendo:*

*– Como tens passado, meu bem, menina dos meus olhos, meu ruço, meu companheiro fiel?*

*“Beijava-o e acariciava-o como se fora gente. O asno deixava-se beijar e acarinhar, sem responder meia palavra. Aproximaram-se todos, dando ao pobre homem os parabéns de ter achado o seu ruço, especialmente Dom Quixote” (“Dom Quixote de La Mancha”, p. 180).*

#### • **Batalha contra odres de vinho**

O barbeiro e o cura queriam levar o amigo fidalgo de volta à aldeia de origem. Iludiram-no com a história ardilosa de que iriam salvar a Rainha Micomicona, capturada por um gigante. Dom Quixote, de novo hospedado na venda que confundia com castelo, travou grande e descomunal batalha com alguns odres de vinho tinto:

*“Dêem cabo de mim – exclamou o vendeiro – se Dom Quixote ou Dom Diabo não deu alguma cutilada em alguns dos odres do tinto que lhe estavam cheios à cabeceira. Aposto que não é senão o meu vinho o que se figurou sangue a este palerma.*

*“Assim dizendo, entrou no aposento com todos atrás de si, e acharam a Dom Quixote no mais extravagante vestuário do mundo: estava em camisa, que não era tão comprida que por diante lhe cobrisse inteiramente as coxas, e por detrás faltavam seis dedos. As pernas eram muito compridas e fracas, cheias de felpa, e nada limpas. Tinha na cabeça um barretinho vermelho e surrado pertencente ao vendeiro; no braço esquerdo enrodilhada a manta da cama, a que Sancho tinha ojeriza por motivos que ele muito bem sabia; e na direita floreava a espada nua, atirando cutiladas para todas as bandas, dando vozes como se realmente estivesse pelejando com algum gigantes. E o bonito era que estava com os olhos fechados, porque realmente dormia sonhando andar em batalha com o gigante. Tão intensa havia sido a apreensão da aventura que ia acabar, que o fez sonhar achar-se já no reino de Micomicão e a braços com o seu adversário; e tantas cutiladas tinha assentado nos odres, supondo descarregá-las no gigante, que todo o quarto era um lagar de vinho” (“Dom Quixote de La Mancha”, pp. 211-212).*

#### • **O retorno à aldeia de origem e o fim do Dom Quixote**

Frustrado o ardil do salvamento da Rainha Micomicona, o cura e o barbeiro atraíram Dom Quixote para uma jaula de paus encruzados, com a qual o levaram à aldeia de origem.

Dom Quixote, acompanhado pelo fiel Sancho Pança, empreendeu uma terceira fuga e se meteu em novas aventuras, até que finalmente retornou à sua aldeia.

No leito de morte, acompanhado pelos amigos, a sobrinha e a governanta, ditava seu testamento a um testamenteiro (“Dom Quixote de La Mancha”, pp. 275 e seguintes).

*“Sinto-me, sobrinha, à hora da morte; queria passá-la de modo que mostrasse não ter sido tão má a minha vida que deixasse renome de louco, pois, apesar de o ter sido, não queria confirmar essa verdade expirando. (...)*

*“Dai-me alvíssaras, bons senhores, que já não sou Dom Quixote de la Mancha, mas sim Alonso Quijano, que adquiri pelos meus costumes o apelido de ‘Bom’. (...) Já me são odiosas todas as histórias profanas de cavalaria andante; já conheço minha necedade e o perigo em que me pôs o tê-las lido; já por misericórdia de Deus, e bem escarmentado, as abomino” (“Dom Quixote de La Mancha”, p. 601).*

*“Voltando-se para Sancho, disse-lhe:*

*– Perdoa-me, amigo, o haver dado ocasião de pareceres doido como eu, fazendo-te cair no erro, em que eu caí, de pensar que houve e há cavaleiros andantes no mundo.*

*– Ai! – respondeu Sancho Pança, chorando – não morra Vossa Mercê, senhor meu amo, mas tome o meu conselho e viva muitos anos, porque a maior loucura que pode fazer um homem nesta vida é deixar-se morrer sem mais nem mais, sem ninguém nos matar, nem darem cabo de nós outras mãos que não sejam as da melancolia. (...)*

*– Senhores – acudiu Dom Quixote –, deixemo-nos dessas coisas; o que foi já não é; fui louco e estou hoje em meu juízo; fui Dom Quixote de la Mancha, e sou agora, como disse, Alonso Quijano, o Bom” (“Dom Quixote de La Mancha”, p. 602).*

*“Dom Quixote (...), entre os suspiros e lágrimas dos que ali estavam, deu a alma a Deus: quero dizer, morreu. (...)*

*“Não trasladamos para aqui nem os prantos de Sancho, da sobrinha e da ama de Dom Quixote, nem os novos epitáfios da sua sepultura, ainda que Sansão Carrasco lhe fez o seguinte:*

*Aqui jaz quem teve a sorte*

*De ser tão valente e forte,*

*Que o seu cantor alegou*

*Que a morte não triunfou*

*Da sua vida coa sua morte*

*Foi grande a sua bravura,*

*Teve todo o mundo em pouco,*

*E na final conjuntura*

*Morreu: vejam que ventura,*

*Com siso vivendo louco!” (“Dom Quixote de La Mancha”, p. 603).*

## Fé e liberdade

Já tive oportunidade de refletir sobre a dificuldade de se sustentar uma fé (GARCIA DE LIMA, *Fé e liberdade*, 2009). Somos extremamente vulneráveis às tentações mundanas. Os primeiros cristãos, porque pregavam a justiça e a fraternidade, sofreram perseguições e massacres dos poderosos de então.

Tortuoso também é o caminho daqueles que cultivam a fé política. Sir Bertrand Russel, um dos maiores filósofos do século 20, escreveu o famoso ensaio *Caminhos para a liberdade* (Companhia Editora Nacional, 1955, pp. 19-20). Segundo Russel, desde Platão os pensadores formulam utopias e preconizam o mundo ideal para mitigar os sofrimentos do homem. O objetivo desses homens notáveis não é o progresso pessoal. Expressam a esperança de pensadores solitários, enquanto a maioria dos seres humanos passa pela vida sem se preocupar com o sofrimento dos semelhantes. Os líderes políticos, que buscam pôr em prática as ideias desses filósofos, são igualmente solitários. Quase sempre as massas de indivíduos os ignoram,

pois estão sufocadas pela labuta diária e temem represálias dos detentores do poder.

Da mesma maneira, a utopia da justiça requer pessoas de fé. No mundo contemporâneo, a fé jurídica exige alta dose de coragem. Vivemos o apogeu do individualismo, apregoados pelo renovado liberalismo econômico.

Pensadores e juristas dotados de visão social são desqualificados como ultrapassados e descompromissados com a “governabilidade” do país. A consciência da justiça social é retribuída com achincalhe.

No entanto, os juízes não desenvolvem atividade discricionária e neutra. Devem atuar inspirados pelas regras e princípios adotados, implícita ou explicitamente, pelo sistema jurídico do Estado Democrático de Direito. A Constituição de 1988 espera dos julgadores, aos quais garante independência institucional e funcional, a utilização da liberdade de julgar para a realização dos valores por ela abraçados. Por isso, todo magistrado tem responsabilidade social (AGUIAR JÚNIOR, *Revista dos Tribunais*, 751/35-50).

O saudoso filósofo, jurista e político André Franco Montoro (1997:13-26), assinalava o intento de se construir um mundo sem ética. Todavia, essa ilusão se transforma em desespero. No campo do direito, da economia, da política, da ciência e da tecnologia, as grandes expectativas de um sucesso pretensamente neutro, alheio aos valores éticos e humanos, têm resultado desalentador e muitas vezes trágico.

“A utopia da justiça  
requer pessoas de fé.  
No mundo  
contemporâneo, a fé  
jurídica exige alta  
dose de coragem.”

“Juízes são quixotescos quando querem salvar o mundo. [...] Ridículo seria se considerarem os salvadores do mundo.”

A caminhada é árdua, mas os cidadãos e a comunidade jurídica não podem esmorecer. Recordarão sempre a máxima de Fiódor Dostoiévski, no clássico romance *Os Irmãos Karamázov*: “Crê até o fim, mesmo que todos os homens se hajam desviado e tenhas ficado fiel sozinho; leva então tua oferenda e louva a Deus, por teres sido o único a manter a fé”.

### Quixotes de toga

Ao enlouquecer por excesso de leitura de romances de cavalaria, Dom Quixote tornou-se a mais bela metáfora do esforço humano para buscar o impossível equilíbrio entre sonho e realidade (FRENETTE, *Cavaleiro da condição humana*).

Juízes são quixotescos quando querem salvar o mundo. Isso é extraordinário, observaria San Tiago Dantas. Ridículo seria se considerarem os salvadores do mundo.

Com a licença do ministro Carlos Velloso, ao seu herói Dom Quixote calha o papel de herói da magistratura brasileira.

Os magistrados trazemos na alma a quimera do “*Cavaleiro da Triste Figura*”. A toga é nossa “*armadura*” e a caneta é nossa “*lança*”. Dramaticamente solitários, como observava Piero Calamandrei (*Eles, os Juízes...*, p. 172), não temos um fiel Sancho Pança por escudeiro.

“*Togados da Triste Figura*”, montamos o Rocinante das carências materiais, vagamos pelas comarcas e galgamos entrâncias e instâncias.

Recordamos Sísifo, o lendário rei de Corinto. Pelas iniquidades que praticou na terra, foi condenado a rolar, até o topo de uma colina, enorme pedra. Quando a pedra atingia o ponto mais alto, rolava novamente para baixo. Tinha de recomeçar a pesada da tarefa e sua punição se tornou eterna (HARVEY, 1987:466).

Já refletimos sobre o papel do Poder Judiciário no Terceiro Milênio (GARCIA DE LIMA, 2003:15). Durante todo o século XIX, houve o predomínio do Poder Legislativo sobre o Poder Executivo. Era preciso consolidar o princípio da legalidade, apanágio das democracias liberais. Ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa, senão em virtude de lei. Todo o poder emana do povo e em seu nome será exercido. O governante atuará submetido à Constituição e às leis elaboradas pelos representantes dos cidadãos.

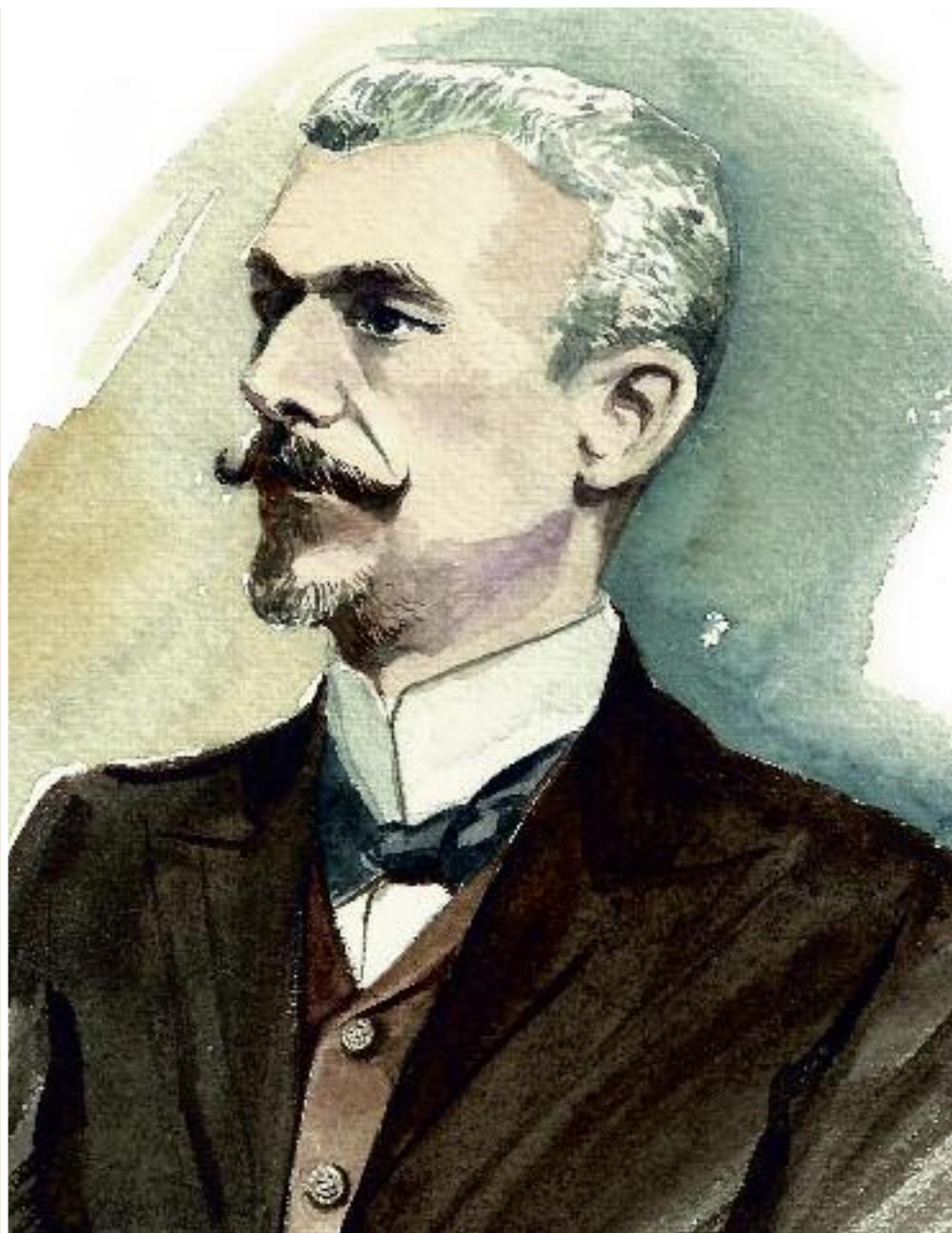
O século XX foi o século das Grandes Guerras e das crises econômicas. Fez-se necessária a intervenção do Estado na ordem econômica e social. O Poder Executivo concentrou poderes: em situações emergenciais, poderá legislar mediante instrumentos decretos-leis, medidas provisórias e congêneres.

Se o século XIX foi do Legislativo e o século XX foi do Executivo, o século XXI será do Judiciário. Na nova centúria, o Poder Judiciário conciliará os atritos emergentes entre os demais Poderes constituídos. Viveremos, outrossim, a “*Era dos Direitos*”, a que se referiu Norberto Bobbio (1996). Além da liberdade individual e da propriedade, estarão garantidos direitos mais abrangentes. Dentre outros, direitos à cidadania, à dignidade, à justiça social, ao meio ambiente saudável, ao consumo sustentável etc.

Moinhos de vento. Perdemos o juízo? Ou nunca tivemos? Vale até o duplo sentido...

## Referências Bibliográficas

- AGUIAR JÚNIOR, Ruy Rosado de. *Responsabilidade Política e Social dos Juizes nas Democracias Modernas*. São Paulo: Revista dos Tribunais, volume 751, maio de 1998, p. 35-50.
- AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. *Dicionário de Nomes, Termos e Conceitos Históricos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BERNARDO, Gustavo. *Machado de la Mancha contra o gigante do realismo*, texto apresentado no Seminário Machado de Assis da PUC-RJ em 03/09/2008; disponível em <http://www.dubitoergosum.xpg.com.br/a301.htm>, 26.12.2011.
- BLOOM, Harold. *O Cânone Ocidental*. Rio de Janeiro: Objetiva, trad. Marcos Santarrita, 2010.
- BOBBIO, Norberto. *A Era dos Direitos*. Rio de Janeiro: Editora Campus, tradução de Carlos Nelson Coutinho, 1996.
- CALAMANDREI, Piero. *Eles, os Juizes, Vistos por Nós, os Advogados*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, trad. Ary dos Santos, 7ª ed., sem data.
- CARPEAUX, Otto Maria. *Tendências Contemporâneas na Literatura*. Rio de Janeiro: Ediouro, sem data.
- CRUZ, Ana Aparecida Teixeira da. *Dimensões da loucura nas obras de Miguel de Cervantes e Lima Barreto: "Don Quijote de la Mancha" e "Triste fim de Policarpo Quaresma"*, dissertação de mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2009, disponível em [http://pandora.cisc.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-02022010-170141/publico/ANA\\_APARECIDA\\_T\\_DA\\_CRUZ.pdf](http://pandora.cisc.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-02022010-170141/publico/ANA_APARECIDA_T_DA_CRUZ.pdf), 26.12.2011.
- DACANAL, José Hildebrando. *Um coloninho lê "Grandes Sertões: Veredas"*; disponível em <http://seer.uniritter.edu.br/index.php/nonada/article/viewPDFInterstitial/51/24>, 26.12.2011.
- DOREN, Charles Van. *Breve historia del saber – La cultura al alcance de todos*. Barcelona: Editorial Planeta, trad. Claudia Casanova, 2009.
- DORTIER, Jean-François. *Dicionário de Ciências Humanas*. São Paulo: Martins Fontes, trad. Márcia Valéria Martinez de Aguiar (coord.), 2010.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. *Irmãos Karamázovi*. Rio de Janeiro: Ediouro, trad. Natália Nunes e Oscar Mendes, sem data.
- *Enciclopédia Barsa*. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica Editores Ltda., vol. 4, 1969, pp. 202-203.
- GARCIA DE LIMA, Rogério Medeiros. *Aplicação do Código de Defesa do Consumidor*. São Paulo: Editora RT, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Fé e liberdade*. São João del-Rei-MG: Revista da Academia de Letras de São João del-Rei, Ano III, nº 3, 2009, pp. 229-230.
- FRENETTE, Marco. *Cavaleiro da condição humana*; disponível em: [http://www.revistaforum.com.br/conteudo/detalhe\\_materia.php?codMateria=5153/cavaleiro-da-condicao-humana](http://www.revistaforum.com.br/conteudo/detalhe_materia.php?codMateria=5153/cavaleiro-da-condicao-humana), captado em 26.12.2011.
- HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica Grega e Latina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, trad. Mário da Gama Cury, 1987.
- JUNQUEIRA, Ivan. *Cervantes e a Literatura Brasileira*. Conferência sobre Cervantes, disponível no portal da Academia Brasileira de Letras, <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inoid=4534&sid=338>, captado em 26.12.2011.
- MACY, John. *História da Literatura Mundial*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, trad. Monteiro Lobato, 5ª ed., 1967.
- MONTORO, André Franco Montoro. *Retorno à Ética na Virada do Século, in Ética na Virada do Século*. São Paulo: Editora LTR, coord. Maria Luiza Marcílio e Ernesto Lopes Ramos, 1997, pp. 13-26.
- NOGARE, Pedro Dalle. *Humanismos e Anti-Humanismos: Introdução à Antropologia Filosófica*. Petrópolis: Vozes, 6ª ed., 1981.
- *Novo Dicionário Brasileiro Melhoramentos*. São Paulo: Melhoramentos, org. Adalberto Prado e Silva, 2ª ed., 4 vols., 1964.
- PROENÇA FILHO, Domício. *Estilos de Época na Literatura*. Rio de Janeiro: Luceu, 2ª ed., 1969.
- RUSSEL, Bertrand. *Caminhos para a liberdade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, sem referência ao tradutor, 1955.
- SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. *Dom Quixote de La Mancha*. São Paulo: Abril Cultural, trad. Viscondes de Castilhos e Azevedo, 1981.
- VELLOSO, Carlos Mário da Silva. *Orpheu Santos Salles, Quixote do Século XXI*. Rio de Janeiro: revista *Justiça & Cidadania*, novembro 2011, p. 8.



# João Pinheiro da Silva, um líder à frente do seu tempo

Aluízio Alberto da Cruz Quintão  
Desembargador aposentado

**E**m 25 de outubro de 2012 completaram-se 104 anos do falecimento de João Pinheiro da Silva, que se firmou, desde a juventude, como um dos líderes do movimento republicano que ajudou a consolidar o fim do regime monárquico no Brasil.

Foi deputado constituinte da 1ª República, deputado federal, senador, presidente republicano de Minas Gerais e governador do Estado.

Nascido no Serro, há 152 anos, completados em 18/12/2012, fixou sua base política, profissional e empresarial em Caeté e Ouro Preto, conquistou fama de administrador pioneiro, com “*senso perfeito da nossa realidade objetiva e rigorosa imaginação do futuro*”, segundo análise do ex-presidente Juscelino Kubitschek. Ao falecer, com apenas 47 anos, era tido como candidato do antigo Partido Republicano Mineiro à Presidência da República.

Consciente de sua formação jurídica pela Faculdade de Direito de São Paulo, advogou, dentro dos postulados republicanos, a necessidade do amparo aos cidadãos pelo acesso democrático à Justiça, propondo torná-la “*protetora e ao alcance de todos*”, segundo sua plataforma para o governo estadual.

O movimentado Século XIX viu João Pinheiro nascer, bem educar-se, tornar-se advogado, empresário, professor e político de especial importância para Minas e o Brasil.

Em resumida linha do tempo, pode-se ver que sua trajetória se desenvolveu ao compasso da melodia da política imperial e republicana e seus sequenciais distúrbios internos, tanto quanto ao som europeu das fogosas revoluções socialistas e nacionalistas da chamada Primavera dos Povos e ao impacto das mudanças tecnológicas de múltiplos efeitos ditadas pela envolvente Revolução Industrial.

## A origem paterna italiana

Na mesma década do chamado golpe da maioria (1840), que fez de Dom Pedro de Alcântara o segundo imperador, teria aportado ao Brasil, vindo do sul da Itália, o pai de João Pinheiro, de nome Giuseppe Pignataro – aporuguesado para José Pinheiro da Silva – que logo se casaria com Carolina Augusta de Moraes Pinto, com a qual teria três filhos.

De vida abreviada por repentina doença fatal, em 1870, mesmo ano da consolidação do *Risorgimento*, ou unificação, da Itália, teve esse patriarca italiano, latoeiro de profissão, intensa e laboriosa passagem de cerca de 22 anos em um país tumultuado, interna e externamente.

Fora assim o pai de João Pinheiro contemporâneo da instabilidade que abalou os primeiros anos do reinado de Dom Pedro

II, como a revolução separatista Farrroupilha, no Rio Grande do Sul (1835/45), a revolta Balaiada, no Maranhão (1838/41), a Revolta Liberal, em São Paulo e Minas Gerais (1842), e a insurreição messiânica dos Muchers, no Rio Grande do Sul (1868/1874), entre várias outras inquietações populares.

Quanto aos ecos de eventos internacionais pelos rincões mineiros, deve ele ter sentido o significado social e político da Guerra Civil norte-americana (1861/65), bem como os reflexos do reboliço intermitente no cone sul das Américas, a culminar com a Guerra do Paraguai (1864/70), que talvez tenha silenciado em solo brasileiro os acordes da ópera *O Guarani*, que Carlos Gomes estreava então no Teatro Scala de Milão (19/03/1870).

E curiosa coincidência foi que, no mesmo ano da morte de José Pinheiro (1870), D. Silvério Gomes Pimenta, mais tarde professor dos seus dois filhos, fundou a “*Folhinha Eclesiástica de Mariana*”, publicação caracterizada por divulgar rigorosas informações sobre a variação do tempo, pioneira forma de meteorologia, valiosa para o meio rural e a agricultura que o futuro governo de João Pinheiro iria prestigiar.

## Trajectoria em meio a grandes mudanças

Parece não ter sido muito diferente o ambiente enfrentado por João Pinheiro no Brasil e no mundo.

Viveram ambos, é certo, boa parte do século das grandes mudanças tecnológicas e de transformações socioeconômicas advindas da chamada Revolução Industrial em que se firmou o capitalismo como sistema econômico.

E as expedições científicas, realizadas sobretudo nas três Américas, tinham ensejado grandes descobertas a naturalistas como o alemão Friedrich Heinrich Alexander Humboldt (1769/1859) e o britânico Charles Robert Darwin (1809/1882).

Em face do progresso havido na segunda metade do século XIX, com a expansão econômica e o liberalismo, poderia João Pinheiro ter até vivido dias mais promissores que seu pai, cuja convivência perdeu muito cedo, quando tinha apenas dez anos de idade e ainda fazia os primeiros estudos na região do Serro.

No ano em que nasceu (16/12/1860), recebendo o nome do segundo filho precocemente falecido, também nasceram o médico e escritor russo Anton Pavlovich Tchekhov (29/01) e o maranhense Raimundo da Mota de Azevedo Correia, magistrado e poeta parnasiano (13/05), e faleceu Casimiro José Marques de Abreu, poeta romântico fluminense (18/10).

Estava João Pinheiro na tenra infância quando em Londres foi construída a primeira linha subterrânea de transporte subterrâneo metropolitano (1863).

E, a partir da primeira década de sua vida, o mundo estaria partilhado, sob forte e amplo imperialismo, mais do que antes, entre as potências industrializadas da Europa, na forma de territórios coloniais ou áreas geográficas de sua influência política e econômica.

No norte das Américas, o jovem país ianque sairia de uma guerra civil, acabaria com a escravidão, ao custo da imolação de seu presidente Abraham Lincoln, assassinado em 1865, ampliaria seu território e firmar-se-ia como a maior economia, no curso de menos de cem anos, a caminho da liderança mundial.

Sempre atento para as coisas de sua época, João Pinheiro foi-se enfileirando no rol dos admiradores dos EUA, cujos exemplos sobre federalismo e vários aspectos da política e administração republicanas não se cansou de louvar e mencionar, leitor ávido que foi dos principais autores norte-americanos da época.

Cursava o Seminário Menor de Mariana, quando José Pinheiro, seu irmão mais velho, se ordenou sacerdote (1879).

Estava no curso de Engenharia da Escola de Minas em Ouro Preto, logo abandonado, quando Karl Benz e Gottlieb Daimler construíram (1885) o primeiro carro movido a gasolina, e, no campo da especulação filosófica, o alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844/1900) revolucionava e escandalizava o pensamento ocidental, com o anticristo e a fala de Zaratustra,

“matando” Deus e entronizando o super-homem, o homem do futuro, espírito livre, “*humano, demasiado humano*”.

Ao bacharelar-se em Direito (1887), viu-se de formação completa, alinhando conhecimento jurídico e o sonho filosófico do positivismo ao movimento republicano de que ele era dos mais entusiastas membros que não poupavam críticas ao governo lento, conturbado e decadente da Monarquia.

Quando foi abolida a escravatura (1888) pontificava ele em Ouro Preto como jornalista e advogado, com ardorosa campanha pelo fim do Império.

Vinda no mesmo ano em que perdeu o irmão padre, a proclamação da República, em 15/11/1889, teve muito de sua pregação e entusiasmo.

Já havia João Pinheiro granjeado posição de relevo na política estadual e federal e revelado tino administrativo e empresarial quando Alberto Santos Dumont trouxe para o Brasil o primeiro carro importado (1891), modalidade então nova de veículo, que por certo inspiraria o político serrano na utilização pioneira de máquina de tração para o transporte dos produtos de sua indústria ceramista em Caeté.

### Governador aos 29 anos

Foi precisamente na última década do século de seu nascimento que João Pinheiro, aos 29 anos de idade, entre janeiro e julho de 1890, teve passagem rápida pelo governo republicano estadual, nomeado que fora pelo presidente marechal Deodoro da Fonseca como secretário de Estado e primeiro vice-governador e, pouco depois, governador de Minas Gerais. Deixaria o governo mineiro, ao ser eleito, em 15/09/1890, deputado ao Congresso Nacional Constituinte, onde integrou a comissão especial de relatoria da primeira Constituição do Brasil, promulgada em 24/02/1891.

Exercia ainda mandato no parlamento, quando se decepcionou com os desvios turbulentos dos primeiros passos da República, inclusive com a renúncia de Deodoro, e retirou-se em 1893 do cenário político nacional.

Retornou ao magistério na Escola Livre de Direito que ajudou a fundar em Ouro Preto e tornou-se empresário industrial e líder municipal em Caeté, onde adquiriu um imóvel do século XVIII denominado Solar do Tinoco, antiga propriedade do Barão de Cocais, e instalou moderna indústria de cerâmica (1894).

Foi, sem dúvida, João Pinheiro um contemporâneo atento do progresso espalhado pelo final do Século XIX, enquanto o Brasil enfrentava os desafios econômicos e sociais decorrentes da libertação dos escravos e da queda do trono imperial.

No alvorecer do Século XX, presenciaria o momento em que a nova Capital recebeu em 1901 o nome definitivo de Belo Horizonte, denominação que ele mesmo dera à antiga Freguesia do Curral D'el Rei, município de Sabará, pelo Decreto Nº 38, de 12 de abril de 1890.

Testemunharia ele a inauguração do bonde como meio de transporte em Belo Horizonte, bem como veria Santos Dumont, que já encantava a Europa com seus inventos na área da aviação, visitar a capital mineira em 1903.

Essa época, aliás, foi-lhe propícia e dolorida, sequencialmente, eis que retornou triunfante à política nacional como senador por Minas Gerais (1905) e, com chance de ser candidato à Presidência da República, voltou por eleição ao governo estadual em abril de 1906, mesmos mês e ano em que faleceu sua mãe.

“Advogou, dentro dos postulados republicanos, a necessidade do amparo aos cidadãos pelo acesso democrático à Justiça, propondo torná-la *protetora e ao alcance de todos.*”

Estava no segundo ano de seu mandato eletivo (1907) quando, mais novo do que ele, o inglês John Maynard Keynes começava a trilhar, como professor e doutrinador, os caminhos da economia, com o brilhantismo de fundador da macroeconomia moderna que o celebrizou como o maior economista do Século XX.

### Carreira frustrada pela morte

Aconteceu, porém, que a tragédia pessoal e política de sua morte tinha data marcada para 25/10/1908, na metade do mandato governamental para o qual cuidara de preparar-se com base em minucioso planejamento.

Durante a curta duração de seu governo, idealizou e realizou diversas obras pioneiras, deixando a marca de governante empreendedor e inspiração valiosa para seus seguidores.

Defensor da inserção dos menos favorecidos nos benefícios do progresso, através da melhoria do ensino fundamental e técnico, soube também conviver com a elite profissional e política, exercendo liderança franca de críticas e de idéias que o estavam qualificando para uma candidatura à Presidência da República.

Incentivador da inovação cultural, ligou-se também à figura do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, do qual foi um dos fundadores e primeiro presidente (15/08/1907), entidade de que se tornou depois patrono oficial, tanto quanto o é da cadeira nº 01, estatutariamente.

Ademais, como vanguardista convicto e pragmático, pensador e empreendedor destemido, João Pinheiro deixou sinais de inteligência e visão política privilegiadas, ao conceber, pregar e realizar, nos setores público e privado, administração muito avançada para o seu tempo.

### Estadista precursor

Em discurso no Senado sobre a comemoração do seu centenário, em dezembro de 1960, o ex-governador Milton Campos destacou a *"obra admirável"* por ele realizada *"na administração em geral e sobretudo na agricultura, na indústria e no ensino"*, resumindo-lhe o perfil de *"precursor do desenvolvimento econômico e da ascensão das massas"*.

E Juscelino Kubitschek de Oliveira, tido como seu fã e desenvolvimentista como ele, rememorou-lhe a figura, dizendo:

*"Ele possuiu, ao lado do senso perfeito da nossa realidade objetiva, a rigorosa imaginação do futuro, que leva o olhar do estadista muito além do seu campo visual e lhe permite intuir a Pátria de amanhã."* (JK, Discursos, 1961).

João Pinheiro, enfim, era convicto da importância das funções e dos cargos públicos e pregava total seriedade republicana para o seu exercício, considerando os políticos como *"operários efêmeros que somos, ao serviço permanente da Pátria"*.

Texto baseado no livro *João Pinheiro da Silva – Líder Mineiro do Ideal Republicano*, BH, dezembro de 2010.

“Retornou triunfante à política nacional como senador por Minas Gerais e, com chance de ser candidato à Presidência da República, voltou por eleição ao governo estadual em abril de 1906, mesmos mês e ano em que faleceu sua mãe.”



# Adélia Prado, a desdobrável

Manoel Marcos Guimarães  
Editor de MagisCultura

**P**orque tudo que invento já foi dito  
nos dois livros que eu li:  
as escrituras de Deus,  
as escrituras de João.  
Tudo é Bíblias. Tudo é Grande Sertão.  
[“A invenção de um modo”]

Quando o Conselho Editorial decidiu que Adélia Prado seria nossa próxima homenageada, pus-me em campo para cumprir minha tarefa profissional: lembrei-me que já a havia entrevistado há exatos dez anos, em um programa que apresentava na Rede Minas (“*Contraponto*”), e certamente teria ainda nos apontamentos, que jamais jogo fora, os caminhos para chegar até ela. Telefonei à Carminha Guerra, agente dela e amiga minha, e consegui o endereço eletrônico (poetas também têm e-mail). Queria uma entrevista e autorização para homenageá-la na *MagisCultura*, publicando um texto inédito ou republicando algum. A primeira mensagem não obteve resposta (descaminhos da Rede?), a segunda também não, até que o jornal anunciou que Adélia, ela inteira, inauguraria os saraus dominicais do Memorial Minas Gerais, na Praça da Liberdade, conversando com os mortais comuns, em uma réplica do Teatro Municipal de Ouro Preto.

Mortal comum e profissional bem comportado, combinei com o Zé de Freitas, que retornara a terceira mensagem, e fui lá. Manhã chuvosa de janeiro e, ao final do sarau, um pouco de tietagem (merecida) e a conclusão: não é preciso entrevistar Adélia, pois ela diz tudo em seus poemas.

É despiciendo, por exemplo, lembrar que ela nasceu em Divinópolis, Minas Gerais, em 13 de dezembro de um ano qualquer, no século passado. E que ainda mora e vive lá, com o companheiro Zé de Freitas, sempre presente, inclusive nas poesias, e que lhe empresta até o nome para o endereço eletrônico. Lá mesmo em Divinópolis, fez o curso de Magistério, o antigo ‘Curso Normal’, começou a dar aulas; mais tarde, cursou também Filosofia.

Enquanto isto, escrevia. E um dia mandou seus escritos a Affonso Romano de Sant’Anna, que, de tanto gostar, os remeteu ao nosso poeta maior, Carlos Drummond de Andrade. O que poderia ser uma conspiração de mineiros, mas era só poesia, resultou na publicação de ‘*Bagagem*’, seu primeiro livro. Era 1975 e ela, na casa dos 40, já tinha cinco filhos.

Daí p’ra frente, a poesia conta a história e o pensamento dela.

## O pensamento de Adélia

Frases pescadas em um sarau na Praça da Liberdade, em uma manhã de domingo ‘diluviano’.

*Poesia não é rima; é ritmo. A poesia, quando se anuncia, já vem ritmada.*

*Poesia é um conjunto de palavras ordinárias e corriqueiras que, agrupadas, nos levam a um terceiro lugar: o da beleza.*

*P’ra que serve a poesia? Poesia não tem peso, não tem valor, não serve para nada.*

*Poesia é a revelação do real. Quanto mais poético, mais real.*

*Poesia é uma cortina que se abre para o conhecimento.*

*Quer conhecer um povo? Leia sua poesia.*

*Toda arte, toda filosofia, toda religião nasceram dessas perguntas: o que eu sou? de onde venho? para onde vou?  
É isto que nos torna humanos.*

*Nunca esgotaremos as perguntas. Graças a Deus!*

*Conheço pessoas de um ateísmo tão fervoroso que é uma religião.*

## A poesia de Adélia

Frases pinçadas de alguns de seus poemas.

*Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.  
Mulher é desdobrável. Eu sou.  
[“Com licença poética”]*

*Eu sempre sonho que uma coisa gera,  
nunca nada está morto.  
O que não parece vivo, aduba.  
O que parece estático, espera.  
[“Leitura”]*

*Não me importa a palavra, esta corriqueira.  
Quero é o esplêndido caos de onde emerge a sintaxe...  
[“Antes do nome”]*

*[...] letras eu quero é pra pedir emprego,  
agradecer favores,  
escrever meu nome completo.  
O mais são as mal-traçadas linhas.  
[“O que a musa eterna canta”]*

*Porque, mercê de Deus, o poder que eu tenho  
é de fazer poesia, quando ela insiste feito  
água no fundo da mina, levantando morrinho de areia.  
[“Tabaréu”]*

*Minha mãe achava estudo  
a coisa mais fina do mundo.  
Não é.  
A coisa mais fina do mundo é o sentimento.  
[“Ensino”]*

### Obras de Adélia

Depois de um ‘silêncio’ de quase uma década, ela voltou a publicar em 2010, com ‘*A duração do dia*’. Ela não possui um site ‘oficial’, mas uma pesquisa sobre referências a ela no Google, a mais usada ferramenta de buscas na internet, no início de abril, apresentou 838 mil resultados. Suas obras integram, ainda, diversas antologias brasileiras e estrangeiras.

Suas principais publicações impressas são:

### Poesia

- *Bagagem*, Imago - 1975
- *O Coração Disparado*, Nova Fronteira - 1978
- *Terra de Santa Cruz*, Nova Fronteira - 1981
- *O Pelicano*, Rio de Janeiro - 1987
- *A Faca no Peito*, Rocco - 1988
- *Poesia Reunida*, Siciliano - 1991 (*Bagagem*, *O Coração Disparado*, *Terra de Santa Cruz*, *O Pelicano* e *A Faca no Peito*).
- *Oráculos de Maio*, Siciliano - 1999
- *Louvação para uma Cor*
- *A duração do dia*, Record - 2010

### Prosa

- *Solte os Cachorros*, contos, Nova Fronteira - 1979
- *Cacos para um Vitral*, Nova Fronteira - 1980
- *Os Componentes da Banda*, Nova Fronteira - 1984
- *O Homem da Mão Seca*, Siciliano - 1994
- *Manuscritos de Filipa*, Siciliano - 1999
- *Filandras*, Record - 2001
- *Quero minha mãe*, Record - 2005
- *Quando eu era pequena* - 2006.

# Explicação de poesia sem ninguém pedir

**Adélia Prado**  
(Do livro “*Bagagem*”)

**U**m trem de ferro é uma coisa mecânica,  
mas atravessa a noite, a madrugada, o dia,  
atravessou minha vida,  
virou só sentimento.

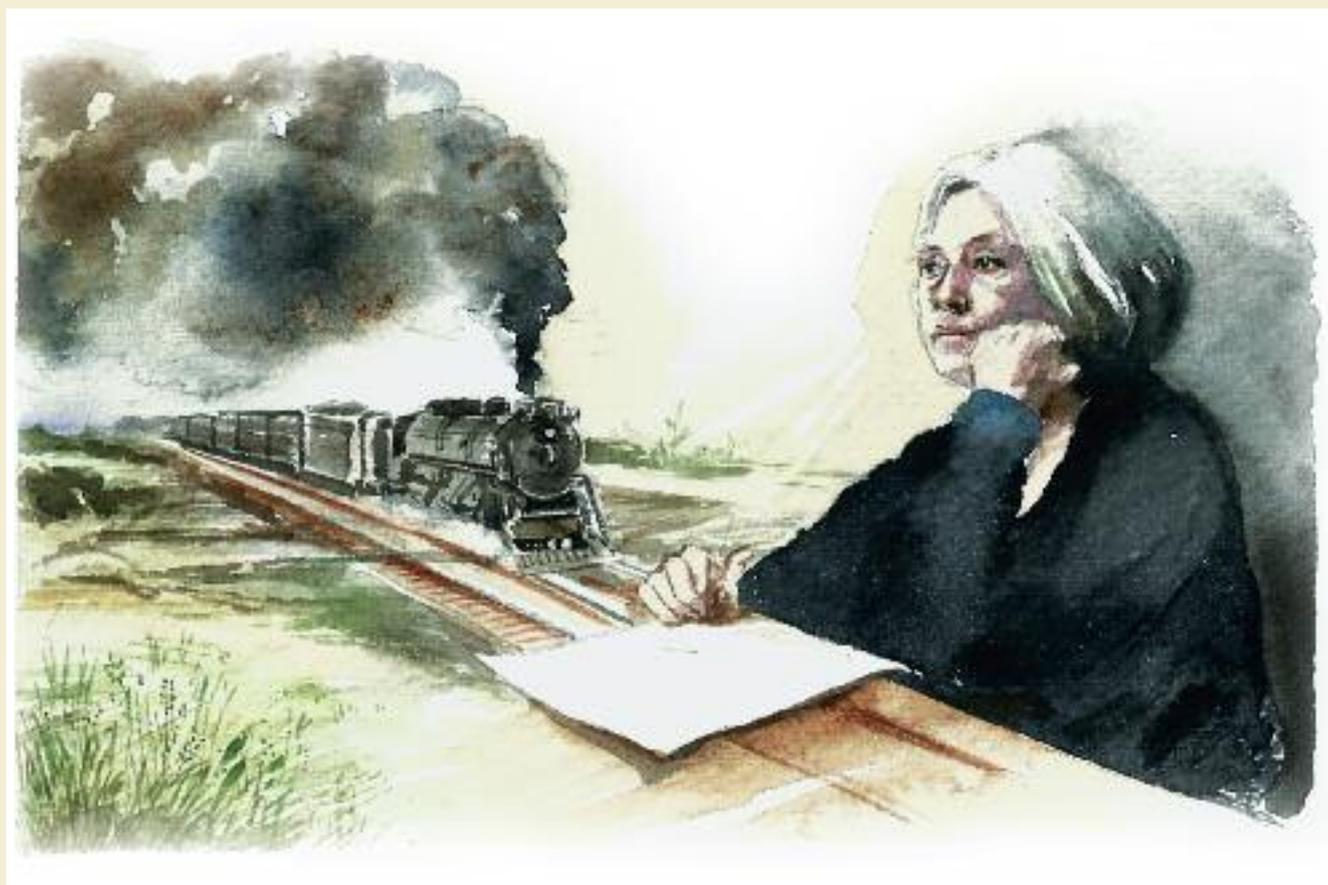


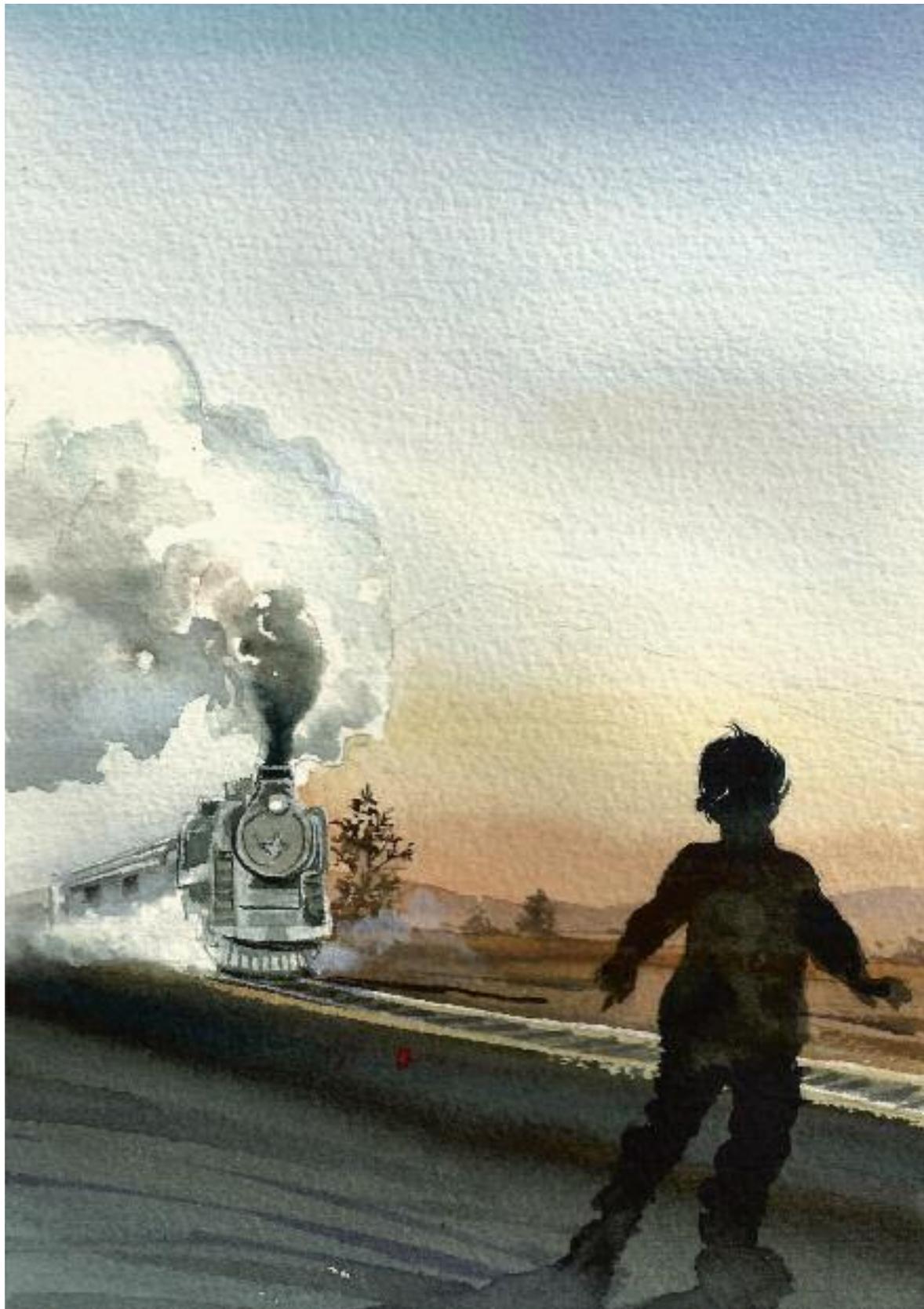
# Divinópolis

**Adélia Prado**  
(Do livro “*A duração do dia*”)

**A**s hastes das gramíneas  
pesavam de sementes  
sob uma luz que,  
asseguro-vos,  
nascia da luz eterna.  
Quis dizê-la e não pude,  
ingurgitada de palavras  
minha língua se confundia.  
Cantei um hino conhecido  
e foi pouco,  
disse obrigada, Deus,  
e foi nada.  
Em meu auxílio  
meu estômago doeu um pouco  
pelo falso motivo  
de que sofrendo

Deus me perdoaria.  
Foi quando o trem passou,  
uma grande composição  
levando óleo inflamável.  
Me lembrei de meu pai  
corrompendo a palavra  
que usava só para trens,  
dizendo ‘cumposição’.  
O último vagão na curva  
e passa o pobre friorento  
de blusa nova ganhada.  
Aquiesci gozosa,  
a língua muda,  
a folha branca,  
a mão pousada.





# O trem de ferro

João Quintino Silva  
*Desembargador aposentado*

**M**uita fome,  
Pouca fome...  
Muita fome,  
Pouca fome...

- É a cantiga do trem  
me levando a você.

Subindo serras,  
Descendo serras,  
Correndo terras,  
Gritando piu-ii!!!  
- Moleque caçando,  
Passando por vales,  
Campinas cortando,  
Varando bosquesdos,  
Furando distâncias,  
Rompendo as estâncias,  
Correndo... Correndo...

- Moleque peralta,  
Moleque que salta,  
Moleque com sede,  
Moleque sem rede,  
Subindo cançado,  
Descendo animado  
Atrás da saudade,  
Em busca do amor!

Pisa serra,  
Serra pisa...  
Come terra,  
Terra come...  
- Segue o trem comigo dentro!

Quando vejo  
A minha amada?  
Quando beijo  
A minha amada?  
- É o trem num escarpado arranco!

Fala seu nome,  
Seu nome fala...  
Fala seu nome,  
Seu nome fala...  
- É o trem fumegando,  
Bufando,  
Acelerando,  
Correndo,  
Disparando  
Com ânsias de chegar!

A amo  
E a quero...

A amo  
E a quero...  
- É o trem que ainda não chegou!  
Paisagens,  
Paisagens...  
- A do seu rosto é bem mais bela.  
Paisagens,  
Paisagens...

Lanço os olhos pela janelinha da alma.  
Vejo estrelas – são seus olhos.  
Vejo aurora – é a sua boca.  
Vejo o sol – é o seu amor.

Vejo o sol,  
Vejo o sol...  
Vejo o sol,  
Vejo o sol...

Piu-ii!!  
- É o trem varando o pontilhão!  
Psiu!!!  
- É a sua imagem brincando no meu coração!

Fuuuu-ii!!!  
- É o trem cantando,  
Gritando,  
Avisando  
Que chegou,  
Que cheguei...  
Que chegou,  
Que cheguei...

# Meio-amor

**Paulo Rubens Salomão Caputo**

*juiz da 2ª Vara do Juizado Especial de Poços de Caldas*

**A** metade de tudo  
é a metade de nada;  
é um profundo infinito,  
mas também água rasa.

Na cozinha, mordida,  
meia maçã,  
como numa moldura,  
de pincelada tela.

Na sala,  
cada um,  
em seu sofá,  
cada qual, sem nenhum.

No quarto,  
sobre a cama,  
em sem fim aguardo,  
meio-amor, meias-pessoas (?)



# Como o Bolero de Ravel

Llewellyn Davies A. Medina

*Juiz de Direito da 13ª Vara Cível de Belo Horizonte*

**D**a amendoeira de minha rua  
 Num dia cai uma folha  
 Noutro dia caem duas folhas  
 Depois caem uma, outra e outra mais

(imaginemos que seja outono  
 Estação propícia a que as folhas caiam)

Daa amendoeira de minha ruua  
 Cai uma folha  
 Caaem duuas  
 Caai uma folha  
 Caem duas  
 Caaem maais

Caaai uma folha  
 Caem duas  
 Caem mais  
 Caaem mais  
 Caaem mais  
 Caaem mais  
 Daa amendeeeeiraa de minha rua

Da amendoeira de minha rua  
 Num dia cai uma folha  
 Noutro dia caem duas folhas  
 Depois caem uma, outra e outra mais.





# Eduardo Frieiro

## O grande amigo dos livros

Gutemberg da Mota e Silva  
Desembargador do TJMG

“**M**ovido por um impulso suicida, num momento de extrema angústia”, em 20 de agosto de 1942, “o dia mais aflitivo de minha vida”, o escritor Eduardo Frieiro queimou seu *Diário de um homem secreto* – 22 cadernos de 200 folhas, mais de 4.000 páginas manuscritas em 10 anos: “... atirei ao fogo, um a um, como pedaços arrancados da própria carne, meus cadernos de anotações e recordações íntimas”, confessa, nove dias depois, já arrependido, ao iniciar seu *Novo Diário* (1986, póstumo).

“A Noêmia, que me auxiliava com dor no cruel auto-de-fé, lia trechos do Diário, aqui e ali, antes de os dilacerar e atirar à fogueira. Duas a três vezes, com lágrimas nos olhos, disse para mim – ‘Era a sua obra-prima! Eu abanava a cabeça, firme no meu propósito de autodestruição’.

E continuou: “Nesses cadernos, dizia eu a minha mulher, só há maldade, inconveniências, orgulho, peçonha... E sobretudo muitas tolices... Ao fogo com tudo isso! Dizia-o, aparentando certa indiferença, mas na realidade eu me sentia rasgar e queimar, mutilando-me em dez anos de minha vida – na melhor parte de minha vida, na única parte boa (ou ao menos sofrível) de minha vida, recordada, em alguns de seus momentos, naqueles cadernos. Suicídio? Sim, suicídio do homem que fui, do homem que era até aquele momento. Na coluna de fumo do Diário queimado, ardeu e se desfez em cinzas o homem que eu fui desde princípios de 1932 até à tarde astrosa de 20 de agosto de 1942”.

Foi esta como que uma morte para o escritor autodidata, romancista, ensaísta, crítico literário, artista gráfico, editor, professor universitário e grande amigo dos livros Eduardo Frieiro, que, em 27 de setembro de 1940, fora praticamente tido como morto, de verdade, após cirurgia de apendicite aguda, na Casa de Saúde São Lucas, feita pelo médico Juscelino Kubitschek de Oliveira, então prefeito de Belo Horizonte, e de um abscesso na vesícula, já gangrenada, por ele e pelo cunhado de JK, dr. Júlio Soares, com prognóstico sombrio (uma chance em cem).

O jornalista e escritor Moacyr Andrade chegou a escrever antecipadamente o necrológio do amigo, para publicar no jornal oficial *Minas Gerais*, adiando, para tanto, a hora do seu fechamento. Tempos depois, Frieiro contou, no *Diário*, que, diante do boato de sua morte, dois colegas “correram a pedir ao Diretor da Imprensa a minha vaga de redator do Minas”. Adiante, conta que era pilhéria de um amigo. Frieiro somente veio a falecer cinco décadas depois, aos 92 anos, em 23 de março de 1982, no mesmo hospital, quase cego.

### “Desgracioso, pobre, tímido...”

Filho de Melchíades Frieiro e Maria Joana Pampín, imigrantes espanhóis pobres da Província de Pontevedra, na Galícia,

Frieiro nasceu na Fazenda da Soledade, em Matias Barbosa, Zona da Mata mineira, em 5 de julho de 1889. O casal, que teve cinco filhos (três homens – ele, Belmiro e José – e duas mulheres – Maricota e Francisca), veio para Belo Horizonte, em busca de melhores oportunidades na vida, na época da fundação da capital (1897).

Frequentou a escola primária por pouco tempo. Retirando-se no seu primeiro romance, de ideias, *O Clube dos Grafômanos* (1927), no personagem Bento Pires, Frieiro afirma que, mesmo tendo apenas dois anos e meio de escola primária, foi “aluno desatento e tímido. A professora não fazia o menor caso de mim, tratando-me, até, com certa impaciência e rispidez. Suas preferências iam – naturalmente – para as crianças bonitinhas, bem vestidinhas, vivas e alegres. Eu era desgracioso, pobre, tímido e nada expansivo”.

### Professor de si próprio

Moacyr Andrade, amigo há mais de 60 anos, afirma em “Alguns apontamentos”, prefácio da 4ª edição do livro de Frieiro *Os livros nossos amigos*, que “não foi o menino além da escola primária de uma antiga professora. O restante imenso ele procurou sozinho, mas metodicamente, rigorosíssimo no estudo curricular das matérias dos ginásios da época, para ele mesmo promover-se ao período seguinte. Professor e aluno numa pessoa só!”

A professora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Maria da Conceição Carvalho afirma em “*Fragmentos (auto)biográficos: Eduardo Frieiro na sua correspondência*”, disponível na internet, que “teria começado ali, na sala de aula de uma escola pública do bairro Carlos Prates, reduto de imigrantes semianalfabetos naquela virada de século, a experiência mais significativa de sua vida: a leitura”.

Analisando o quê de autobiográfico existe na correspondência do autor, observa: “A impressão que ele quer passar, nas suas lembranças de infância, é que sua vida pessoal começa, de fato, no momento em que, lendo, inicia o diálogo com o mundo da representação literária”.

### Furtava jornais de embrulho para ler

Lembra que Frieiro contara ao escritor Vivaldi Moreira que, “sendo ele bem novo, via meninos do bairro furtando amendoim de um velho dono de armazém, que vivia cochilando atrás do balcão”. Quanto a ele, o que iria furtar, senão “jornais velhos, o Jornal do Brasil, com a magnífica colaboração; Jornal do Comércio, com artigos quilométricos, e eu bebia tudo aquilo! (...) Fui um grande leitor de jornais! Então, jornal do interior, que delícia!”

“O jornal era, então, para mim, a coisa mais perfeita da terra. O mundo – ó maravilha! – revelava-se-me inteiro através da letra de imprensa.”

Em “*Como num retrato*”, um dos artigos publicados pelo *Estado de Minas*, em 5 de julho de 1979, nos 90 anos de Frieiro, Vivaldi Moreira – durante muitos anos presidente da Academia Mineira de Letras – atribuiu-lhe estas palavras: “*Enquanto os outros buscavam amendoim para a pança, eu ia tirar ao português os jornais vendidos a quilo para os embrulhos da baiuca*”.

A propósito, o personagem Bento Pires conta que andava pelos 12 anos quando seu pai o levou para ajudá-lo numa loja de secos e molhados: “*Gostei logo do serviço. E gostei por isto: na venda havia sempre arrobas e arrobas de jornais velhos, utilizados para embrulho; jornais do Rio e de São Paulo; jornais de Minas Gerais. Com que avidez os lia eu! O jornal era, então, para mim, a coisa mais perfeita da terra. O mundo – ó maravilha! – revelava-se-me inteiro através da letra de imprensa*”.

### Lia até os papéis rotos da rua

Na introdução do seu livro *O alegre Arcipreste e outros temas de literatura espanhola* (1959), reproduzida do vol. I, nº 1, de *Kriterion* (1947), revista que ele dirigiu na Faculdade de Filosofia da UFMG, Frieiro conta que “*ali pelos doze anos eu lia de tudo, aunque fuesen los papeles rotos de la calle (por fazer minhas as palavras do prodigioso autodidata que foi Cervantes), quando me caiu nas mãos um exemplar do Dom Quixote em espanhol. Não sei qual era a procedência daquele volume, pois em casa de meus pais, proletários sem letras, não havia livros e raramente entravam jornais. Só sei que li o volume, e o li com gana, embora eu só conhecesse da língua de Cervantes aquelas palavras que também são portuguesas (...)* Voltando ao *Dom Quixote*. Queria eu dizer que, lido por mim na puerícia, o livro de Cervantes foi um dos episódios mais felizes das minhas aventuras de caçador furtivo de leituras, que não tinha muito onde escolher, nem sempre sabia escolher e, por isso, fazia alvo de todo papel escrito que se achasse ao meu alcance” (...).

### Aos 11 anos, o primeiro par de sapatos

Segundo conta no *Diário*, o pai, pedreiro, queria que ele lhe seguisse o ofício, ou o de pintor, do irmão mais velho de Frieiro. “*Minha mãe opôs-se: via-me franzino, delicado de saúde, sempre a ler ou a devanear sozinho pelos cantos. Com aguda intuição mental, sem o saber, adivinhava em mim, talvez, o homem ‘livresco’, o sujeito ‘impresso’ que eu viria a ser. E achou jeito, então, de me colocar na Imprensa Oficial, como aprendiz de tipógrafo*”. Tinha, então, 11 anos de idade.

À jornalista Heloísa Aline de Oliveira, em matéria do *Estado de Minas* nos seus 90 anos, confidenciou: “*Foi a primeira vez que calcei sapatos: para ir trabalhar*”. E, no *Diário*: “*Fui caixista durante mais de vinte anos. Trabalhei por obra, serviço duro. Depois, revisor do órgão oficial; depois, chefe de revisão. Depois, redator*”. Chegou a secretário da redação e, ali, se aposentou.

### Apetite “sem jejuns nem quaresmas”

Foi o mais assíduo frequentador, desde os 13 anos, da Biblioteca Pública Municipal de Belo Horizonte, “*sua universidade*”, diz o filólogo Aires da Mata Machado Filho em “*Conquista de amizade*”, outro artigo nos 90 anos. Funcionava no primeiro

andar do Conselho Deliberativo, na Rua da Bahia, antiga sede da Câmara Municipal da capital mineira.

Moacyr Andrade conta no citado prefácio: *“Frequentava de dia e à noite. Leu tudo o que havia lá nas prateleiras, desde a tarde até a hora de fecharem a Biblioteca (...) Inglês aprendeu sozinho, como o francês também. Conhece o espanhol tão bem quanto conhece o português”*.

Frieiro, que pôs como epígrafe de *Os livros nossos amigos* a frase *“a leitura é uma amizade”*, de Proust, anota no *Diário*: *“Trabalhar, trabalhar. Estudar... Estou sempre mexendo em alguma coisa, e sempre com os livros às voltas. Trabalho, sem descanso, desde os onze anos de idade. Leio desde os nove. Mal aprendi a ler por cima, manifestou-se em mim um apetite de leitura que até hoje não conheceu jejuns nem quaresmas. Desde a escola primária – e não tive outra – foi notável o meu apetite de papel impresso”*.

### Independente e questionador

Fábio Lucas, em *“O grafômano Eduardo Frieiro”* (Mineiranças), diz que ele *“realizou sua vida em torno da palavra escrita: tipógrafo, revisor, redator, escritor e professor. De operário a intelectual, afável e retraído, fez das letras o seu mundo. Reconhecido como autoridade literária, foi um escritor independente, discordando muitas vezes das teses correntes na literatura e na história”*.

O historiador e amigo Francisco Iglésias, no artigo *“Em louvor de Eduardo Frieiro”*, outro da edição dos 90 anos, destaca a atitude dele ante estudos históricos: *“Sem ser um iconoclasta, Frieiro não endossa alguns nomes ou episódios relativos a Minas. Põe em dúvida certas figuras consideradas como heróis ou a versão de certos fatos. A imagem da Minas setecentista, com suas riquezas e fartura, criações de arte e comportamento nobre e leal de muitos personagens – tudo é questionado por ele”*.

Entre os ensaios questionadores, Iglésias cita *“Justiça para o Conde de Assumar”*, de *“acentos revisionistas”*, publicado em *O Diabo na Livraria do Cônego* (1957). Realmente, nele, Frieiro procura justificar o despotismo do Conde: *“Coube ao Conde de Assumar, na governação das Minas do Ouro, uma função antipática: a de estabelecer a ordem no seio duma população que não conhecia a lei nem a justiça, abandonada ao arbítrio e à prepotência dos mais afoitos. Por haver imposto a lei, com rigor e violência, incorreu na ira de todos, Paulistas e Portugueses, e adquiriu o título de tirano das Minas”*.

Na introdução da segunda edição de *O Clube dos Grafômanos* (1981), Aires da Mata Machado Filho lembra que, no romance *O Mameluco Boaventura*, em que *“trata, novelisticamente, do estabelecimento da ordem na turbulenta Capitania das Minas, sob o Conde de Assumar”*, o personagem Vitoriano manifestou sua preferência *“pelo regime da ordem e do fortalecimento da autoridade. Sem isso, não é possível trabalhar, construir”*.

### Prêmio nacional para um escritor da província

Frieiro – que chegara a jogar futebol, em 1905, no *Sport Club Football*, primeira agremiação desse esporte na capital, composta de estudantes, funcionários públicos e comerciantes – começou publicar em jornais em 1924 e logo depois escreveu sobre *As Artes em Minas Gerais - Pintura, Escultura e Música*, na obra *Minas Gerais* em 1925, organizada pelo jornalista carioca Victor Silveira. Sem nunca sair da província (certa vez quis ir para

“Reconhecido como autoridade literária, foi um escritor independente, discordando muitas vezes das teses correntes na literatura e na história.”

o Rio, como confessou no *Diário*), publicou quatro romances, obras de crítica literária e ensaios a partir de 1927. Integrou o grupo fundador da Faculdade de Filosofia, da hoje UFMG, sendo diretor da faculdade e Professor Emérito da universidade, e dirigiu *Kriterion* por quase 20 anos. Na faculdade lecionou Literatura Espanhola e Literatura Hispano-Americana, tornando-se catedrático. Lecionou História do Livro e das Bibliotecas na Escola de Biblioteconomia da UFMG. Durante décadas praticou jornalismo literário em jornais da capital e do Rio.

Pelo conjunto da obra, ganhou em 1960 o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras. Em 1944 ingressou, por grande insistência de Mário Casassanta, na Academia Mineira de Letras, cadeira nº 7, tendo escrito a biografia do patrono, o romancista Avelino Fóscolo.

### Doou uns 2.000 “companheiros silenciosos”

Primeiro diretor da Biblioteca Pública Estadual Professor Luiz de Bessa, na gestão do governador Juscelino Kubitschek – que, anos antes, ao operá-lo, encerrara sua carreira de médico, para se concentrar na política –, Frieiro organizou-a, dela fazendo uma das melhores do país. À instituição, doou cerca de 2.000 livros de sua biblioteca particular, decisiva para a sua *“Coleção Mineiriana”*, por ele concebida.

Em editorial escrito para o *Estado de Minas* de 21 de setembro de 1967, Aires da Mata Machado Filho observa que o ato significa mais do que generosidade: *“Trata-se de bem mais*

## “Se eu cair, não tem importância. Se cair um livro da estante, tem”

Do grande amor dele aos livros deu-nos testemunho Dona Noêmia, quando entrevistávamos Frieiro. Na época, década de 1970, moravam num apartamento da Av. Augusto de Lima, centro de Belo Horizonte, quase em frente ao emblemático Edifício Maletta, no qual o marido de Ângela Leão, Wilson Coelho Leão, por sugestão desta, deu o nome dele a uma livraria, hoje desativada. Dona Noêmia, que a ele sobreviveria, me disse a frase que tantas décadas depois releio em anotação manuscrita numa folha amarelecida com o timbre do *Jornal do Brasil*: “Se eu cair, não tem importância. Se cair um livro da estante, tem.”

que isso: de verdadeiro desprendimento de bens terrenos, principalmente aqueles que apelam para os mais íntimos sentimentos possessivos. Tal circunstância magnifica a deliberação de um amoroso do livro, em plena atividade intelectual. Entre o livro e o seu adquirente, vigoram secretas ligações de afinidade, veios, sonhos... Cada um evoca ao possuidor um momento da vida, uma lembrança, uma saudade, uma alegria que a recordação revive. Cada volume reconta um capítulo da sensibilidade do seu dono. Despojar-se desses companheiros silenciosos equivale a derrancar pedaços de si mesmo. Ausência de egoísmo sublima a comovedora doação”.

### Editoras fictícias

Artista na arte tipográfica, procurando vencer o marasmo editorial de Belo Horizonte, Frieiro criou o selo imaginário “Edições Pindorama”, por meio da qual lançou seus romances *O Clube dos Grafômanos* (1927), *O Mameluco Boaventura* (1929) e *Inquietude, Melancolia* (1930), reeditado com o nome de Basileu, bem como o primeiro livro de Carlos Drummond de Andrade (*Alguma Poesia*, 1930).

Considerando que os jovens literatos da capital não publicavam livro, porque “nenhum queria ou podia imprimir-se à própria custa, como eu, por exemplo, fazia”, inventou a legenda *Os amigos do livro*, como se se tratasse do título de uma coleção, “ou do nome de alguma firma ou sociedade editora”, para publicar livros de seus amigos na Imprensa Oficial, sob sua orientação editorial. A ideia era a de que os livros fossem coeditados, modestamente, por uma “vaca” literária, em módicas prestações de vinte mil réis, um por mês, com no máximo 112 páginas, mínimo de 80, e tiragens de 200 exemplares.

Seu ensaio *O Brasileiro não é Triste* (1931), contrapondo-se à tese de Paulo Prado, em *Retrato do Brasil*, entre outros, inaugurou a marca, mas Frieiro conta que esta começou a funcionar pelo sistema cooperativo com o livro de poesia *Ingenuidade*, de Emílio Moura (1931), seguindo-se *Galinha Cega*, de João Alphonsus (1932), *A Alma dos Livros*, de Oscar Mendes (1932), *Ensaio de Política Econômica*, de Orlando Carvalho (1934), e *Brejo das Almas*, de Drummond (1934).

Extinta a “cooperativa”, a marca *Os amigos do Livro* continuou a ser utilizada, sendo editados 23 livros com o selo fictício. Frieiro conta no *Diário* que a marca *Os Amigos do Livro* logo se tornou prestigiosa, em Minas e fora, e que fora obrigado a explicar que, formalmente, ela não existia: “...é tudo uma ficção, um nome inventado por mim, para enfeitar os livros que eu imprimo à minha custa, e nome que eu cedo a meus amigos, que também se imprimem por conta própria”. E conclui: “Os Amigos do Livro – estou convencido – foram a minha mais interessante criação literária.”

### Os livros nossos amigos

Abrindo seu mais curioso livro, *Os livros nossos amigos*, em que conta casos raros de livros, como os encadernados com pele humana e um de 12 x 17 mm, Frieiro afirma que “há uma arte de amar os livros como há uma arte de amar ovidiana, uma arte de amar o amor”, e que querer bem aos livros é sentimento que se parece muito com o amor dos sexos.

Em “*Bibliófilos, bibliômanos, bibliopiratas*”, texto que publicamos no caderno Livro, do *Jornal do Brasil*, em 30 de junho de

1978, observamos que naquela obra ele define os diferentes tipos de amantes dos livros: os bibliófilos, que amam os livros em razão de seu valor intrínseco, medular; os bibliômanos, que juntam os livros pelo prazer de juntar, preocupados unicamente com a qualidade ou a raridade; e os bibliopiratas, que se apoderam indevidamente da obra ambicionada. Assinala que *“Dom Pedro II, o honrado Imperador brasileiro, incorreu na pecha de bibliopirata, não sabemos se com razão ou não”*, pois, quando visitou o Colégio do Caraça, desejou a *Crônica*, de Eusébio Panfilio, Bispo de Cesaréia, e, *“abusando de suas prerrogativas de soberano, teria carregado com ele”*.

### Conheceu a mulher em um sebo

Em que outro lugar mais provável ele poderia encontrar a mulher com quem viveria sempre, a não ser numa livraria? Frieiro conheceu a carioca Noêmia Pires Frieiro, filha do português Armando Pires, no sebo de “seu” Marques, junto ao Cine Avenida, em Belo Horizonte, conta em entrevista a Laís Corrêa de Araújo, feita na Av. Francisco Salles, nº 1.610, em Belo Horizonte, e publicada no primeiro número do *Suplemento Literário do Minas Gerais* (3 de setembro de 1966). E a jornalista Heloísa Aline afirma que, perto da livraria, o pai dela tinha uma loja de instrumentos musicais. A Laís Corrêa, ela revela que foi atraída pelo homem, unicamente, não pelo escritor, em si. Casaram-se em 1934. Viajavam para o Rio, ele comandava excursões em Minas, dançavam na Pampulha (ele não bebia nem jogava) e iam frequentemente a filmes e peças de teatro, comentados no *Diário*.

Naquele endereço viviam apenas o casal e o cachorro Panchito, *“terceiro componente da família”* e única companhia que ele tolerava quando estava trabalhando, diz Dona Noêmia a Laís (no *Diário* se vê que o primeiro cão de estimação do casal foi o Bagunça, *“o único bem que a Noêmia trouxera consigo quando se casara”*, e que outro foi o Bedeleco, ao lado do qual ele aparece em foto de 1942, batida pela mulher, e de 1946, banhando-o).

Sobre filhos, diz no *Diário*: *“Não tenho filhos, e isso não me aborrece”*. E: *“Nem eu nem minha mulher desejamos filhos. Se viessem, muito bem. Não vindo, muito melhor. Não sinto nenhuma gana de que meu nome se perpetue no mundo”*.

### Bento Pires e Basileu são Frieiro

Na introdução de *O Clube dos Grafômanos*, Aires da Mata Machado Filho afirma: *“Todas as linhas do livro nos deparam o próprio autor em carne e espírito. De uma maneira mais direta, espelha-se-lhe a personalidade no avatar, Bento Pires; embora com alguma deformação. O original não é a pessoa azeda e desabrida que se inculca”*. Em outro ponto, afirma que Bento Pires é *“caricatura de Eduardo Frieiro, desde o físico: ‘Sujeito miudinho, sem idade, olhos vivos e esquadrinhadores, sob a larga testa”*.

Outro personagem, nota Aires, assim retrata Bento Pires, ou melhor, Frieiro: *“Espírito curioso e inquieto, tem percorrido sozinho, ao sabor de sua fantasia, o mundo do conhecimento. Dotado de formidável capacidade de leitura, e conhecendo a fundo vários idiomas, Bento Pires vai libando todos os livros e em todos os autores, antigos e modernos. Sua ‘douta ignorância’ (como ele mesmo diz), habilita-o a respirar em todos os assuntos com perfeita impunidade. Nada lhe é estranho: a filologia, a história, a*

*sociologia, a literatura de ficção, a crítica de arte...Bento Pires tem sido, sucessivamente, socialista, anarquista, faquirista, romântico, nietzschiano, pragmatista, behaviorista...”*

Também se identificam traços de Frieiro em Basileu Prisco, de *Basileu* (novo título de *Inquietude, Melancolia*, refundido e acrescido de novo capítulo). Em nota à edição refundida, Frieiro afirma ser Basileu de *“timidez fabulosa. Autista, propenso à melancolia, fechado em si mesmo, luta para romper a carga de egocentrismo que ameaça torná-lo um ovo gorado”*.

### Casmurro e cordial

No *Diário*, Frieiro afirma detestar literatos, mas seus maiores amigos são os literatos. Diz-se arredio, misantropo. A professora de literatura Ângela Vaz Leão, sua aluna de Literatura Espanhola e Hispano-Americana da Faculdade de Filosofia, por ele elogiada no *Diário* (*“estudante perfeita e já agora professora de grande futuro”*), e que, em 1º de outubro de 2012, completou, em plena atividade docente, 90 anos de idade, declarou-nos: *“Casmurro por fora, Frieiro era muito cordial por dentro. Muito franco, muito justo, muito amigo, quando o aluno mostrava afinidade com a matéria”*.

Prefaciando o *Diário*, o crítico Fábio Lucas afirma: *“Eduardo Frieiro analisa ideias e valores, sem se fiar deles. Pratica um niilismo revoltado, jamais propondo qualquer solução para os descaminhos humanos e sociais. Aceitava-os como um dado, convicto que estava da insuperável miséria humana. Mas trazia em si um moralista clássico”*.

“Espírito curioso e inquieto, tem percorrido sozinho, ao sabor de sua fantasia, o mundo do conhecimento.”

### O amante da leitura morreu quase cego

Em novembro de 1974, aos 85 anos, quase cego, Frieiro foi obrigado a parar de escrever, mas, com o auxílio de uma lupa, continuava lendo. Heloísa Aline, na matéria de 5 de julho de 1979 sobre seus 90 anos, relata que, privado de escrever, *“devido a um derrame, ele só consegue ler, atualmente, com o auxílio de uma conjugação de lentes, com luz em seu interior, o que considera ‘um pobre recurso para o leitor apaixonado que sempre foi durante toda a vida’”*.

Quase três anos depois, em 23 de março de 1982, na Casa de Saúde São Lucas – a mesma em que 42 anos antes fizera as duas cirurgias, permanecera três meses internado e milagrosamente escapara –, Frieiro faleceu, recebendo a extrema unção, ele, ateu, *“indevoto como era”*, de Dom João de Rezende Costa, então Arcebispo Metropolitano de Belo Horizonte, sendo sepultado no Cemitério do Bonfim. Hoje, é nome de rua no Bairro Buritis e no campus da UFMG, em Belo Horizonte, de Escola Estadual em Mato Verde, MG, e de sala na Biblioteca Pública Professor Luiz de Bessa, habitada por milhares de amigos silenciosos – os livros.

## Frases de Frieiro

*“São muitos os que escrevem e poucos os verdadeiros escritores. Escrever como toda gente, é fácil; escrever bem, é extremamente raro e difícil.”*

*“Clareza é a primeira qualidade que se deve exigir da linguagem escrita.”*

*“Não há uma relação necessária entre o valor literário e a popularidade de um livro.”*

*“Para quê [escrever]? Para nada. Mas justamente esse nada – a ilusão literária – é tudo para uma certa raça de imaginativos. É dessa ilusão que se alimentam os indivíduos de curso lento, os introvertidos, os que aborrecem a vida frenética e cobiçosa dos indivíduos voltados para fora e só pedem que lhes seja permitido saborear devagarinho as doçuras e branduras das coisas inúteis (A Ilusão Literária).”*

*“Nos livros não encontramos senão o que levamos dentro de nós.”*

*“Eu nasci para homem de ciência (...) As circunstâncias de minha vida não me permitiram seguir uma carreira adequada às minhas inclinações. Fiz-me homem de letras, coisa que se acha ao alcance de qualquer iletrado. Não está o Benedito Valadares escrevendo um romance?”*

*“Gosto das letras, acima de tudo, mas não gosto dos literatos (...) Literatos? Fugamos deles. Ignorantes e petulantes, vazios e enfadonhos. Pela maior parte. (...) Mais vaidoso que um literato, só um artista. O Aníbal Matos é literato e é artista. Duplamente vaidoso. Só duplamente? Não, não. Triplamente, quadruplicamente... que sei eu?”*

*“Matou um homem: é um assassino. Matou milhões: é um conquistador. Mata a todos: é um deus (Novo Diário).”*

## Obras de Frieiro

- *O clube dos Grafômanos* (romance), 1927
- *O Mameluco Boaventura*, romance, 1929
- *Inquietude, Melancolia* (depois, BASILEU), romance, 1930
- *O brasileiro não é triste*, ensaio, 1931
- *A ilusão literária*, ensaios, 1932
- *O Cabo das Tormentas*, romance, 1936
- *Letras Mineiras*, crítica, 1937
- *Os livros nossos amigos – Reflexões de um amigo dos livros*, 1941
- *Como era Gonzaga?*, ensaio, 1950
- *Páginas de crítica e outros escritos*, 1956
- *O Diabo na Livraria do Cônego e outros temas mineiros*, 1957
- *O alegre arcipreste e outros temas de literatura espanhola*, 1959
- *O Romancista Avelino Fóscolo*, ensaio biográfico, 1960.
- *Feijão, angu e couve*. Ensaio sobre a comida dos mineiros, 1966
- *Torre de papel*. Motivos literários, 1966.
- *O elmo de Mambrino*, ensaios, 1971
- *Novo Diário*, 1986.

## Referências bibliográficas

### Obras de Eduardo Frieiro

- *Novo Diário*, Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1986.
- *O Clube dos Grafômanos* (romance), Editora Itatiaia, 2ª. ed., Belo Horizonte, 1981;
- *A ilusão literária*, ensaios, 4ª. ed., Belo Horizonte, Academia Mineira de Letras, 2009.
- *Basileu*, 2ª. ed., refundida, de *Inquietude, Melancolia*, Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1981.
- *O Diabo na Livraria do Cônego*, *Como era Gonzaga?* e outros temas mineiros, Belo Horizonte, Editora Itatiaia., 1957
- *O Alegre Arcipreste* e outros temas de literatura espanhola, Belo Horizonte, Livraria Oscar Nicolai, Belo Horizonte, 1959.
- *Os livros nossos amigos – Reflexões de um amigo dos livros*, 4ª. ed., Belo Horizonte, Coordenadoria de Cultura de Minas Gerais, 1980.

## Outras

- *Fragmentos (Auto)Biográficos: Eduardo Frieiro na sua Correspondência*, monografia de Maria da Conceição Carvalho, Pós-Lit/Ufmg, [http://www.lettras.ufmg.br.poslit/08\\_publicações\\\_pgs/EM%20Tese%2014/TEXTO%2013.pdf](http://www.lettras.ufmg.br.poslit/08_publicações\_pgs/EM%20Tese%2014/TEXTO%2013.pdf), consultada em 26-12-2012.
- *Eduardo Frieiro: um retrato multifacetado*, catálogo da exposição realizada em 2008 pela Biblioteca Pública Estadual Prof. Luiz de Bessa, curadoria da Prof. Maria da Conceição Carvalho.
- SUPLEMENTO LITERÁRIO do *Minas Gerais*, ano II, nº 68, Eduardo Frieiro: 40 anos de literatura, número especial organizado por Laís Corrêa de Araújo, Belo Horizonte, 16-12-1967.
- ESTADO DE MINAS, Belo Horizonte, 5-7-1979, Caderno 2, p. 1, 4, 5 e 8.
- “*Bibliófilos, Bibliômanos, Bibliopiratas*”, Gutemberg da Mota e Silva, JORNAL DO BRASIL, Livro, Guia semanal de ideias e publicações, nº 108, Rio de Janeiro, 28-10-1978, p. 1.
- “*O grafômano Eduardo Frieiro*”, Fábio Lucas, Mineiranças, Belo Horizonte, Oficina de Livros, 1991.



# Pela Avenida Niévski em companhia de Gogol

Matheus Chaves Jardim  
Desembargador do TJMG

**E**m agradável peregrinação pelos 5 km da Av. Niévsky, em São Petersburgo, margeada por casarões monumentais e entrecortada por magníficas pontes erguidas sobre os canais do rio Nieva, viera-me ao encontro o espírito de Nikolai Gogol, escritor ucraniano nascido em 1809, na província de Poltava.

As críticas sociais dirigidas à Rússia czarista de sua época, explicitadas de forma irônica e sarcástica, aliadas à dissecação das facetas mais negativas da personalidade humana, infundiram à obra de Gogol foros de atualidade jamais constatados na literatura da primeira metade do século XIX. A possibilidade de vivenciar a mesma atmosfera absorvida pelo autor no período áureo de sua inspiração artística movera-me a São Petersburgo, antiga Stalingrado, famosa por suas catedrais, museus e palácios, a lhe alçarem ao patamar de patrimônio mundial da Unesco.

Pois ao adentrar em esplendorosa avenida, em fria manhã de setembro, senti tocar-me o ombro misteriosa mão invisível, a guiar-me em direção a indivíduo de modos faceiros, feições nobres, elegantemente vestido em seu fraque de cor negra, cujos passos saltitantes remeteram-me de imediato a Tchítchikov, *personagem central da inigualável obra "Almas Mortas"*.

## O 'nobre' fraudador

Idealizara o desassombrado Tchítchikov golpe ao erário a causar inveja ao mais astuto fraudador da previdência social de nossos tempos. Ao termo "*almas*" eram designados os camponeses confinados às grandes habitações rurais, negociados a bel prazer por seus senhores, a quem incumbia o dever de recenseá-los mediante o pagamento de captações ao governo. Na eventualidade da morte de algum camponês, a taxa respectiva fazia-se devida até o próximo recenseamento, impondo-se ao proprietário o pagamento do encargo, sob pena de manutenção do operário em listagens de "*almas regulares*".

Empreendera Tchítchikov insólita jornada ao interior da Rússia, em imponente carruagem conduzida por seleto quarteto de alazões, hospedando-se em diversos latifúndios nos quais era recebido de forma principesca, acreditando os anfitriões tratar-se o hóspede emissário de alta patente governamental. Ao ser indagado, afinal, das razões de tão penosas peregrinações, formulava a personagem a insólita proposta de compra de almas mortas. Conquanto a perplexidade manifestada pelos senhores feudais ante a singularidade da oferta infunda à obra delirante comicidade, o tema constitui pano de fundo à verdadeira essência da trama, tal seja, indisfarçável censura ao comércio de seres humanos e à avareza da aristocracia rural. Consoante mirabolante plano arquitetado, tencionara Tchítchikov a aquisição de almas mortas por valor ínfimo, tencionando hipotecá-las, a seguir, como boas almas vivas.

Alçado ao patamar de uma das maiores obras literárias russas de todos os tempos, o romance "*Almas Mortas*" restara inconcluso, havendo o próprio autor ateado fogo à segunda parte do manuscrito, tomado por acesso de loucura, em data de 11 de fevereiro de 1852, dez anos após o início de sua elaboração.

## A bela adolescente

Ainda estupefato ante a súbita aparição de Tchítchikov em meio à multidão, surpreendera-me, desta feita, o semblante de típica eslava, encantadora no fulgor de seus 17 anos, cujo olhar, a um só tempo celestial e malévolos, arrebatara-me a atenção de forma instantânea. A mão invisível apontou-me a bela jovem, mas me sustive no ato de contemplação de seu sorriso celestial. Viera-me à mente a imagem do pobre pintor Piscarióv, discreto, tímido e modesto, cujo amor por referida donzela, a partir de fortuito encontro nas proximidades da ponte Politski, fê-lo dar cabo à própria vida.

Reconheci o sobrado ao qual adentrara Piscarióv em perseguição à encantadora lourinha, surpreendendo-a em escuro aposento localizado no terceiro andar da habitação, cujo aspecto promíscuo fora penosamente descrito pelo pintor: no teto, aranhas negras compunham enormes teias; na pequena sala três mulheres sisudas, cujas faces exibiam os estigmas físicos da degeneração, permaneciam absortas em suas tarefas: uma delas tocava ao piano triste melodia, outra baixava cartas à mesa e a terceira, também indiferente à presença do desafortunado pintor, penteava os longos cabelos sentada diante do espelho.

Do quarto ao fundo irrompiam, sem o menor constrangimento, a voz de um homem e uma risada de mulher, a indicarem a Piscarióv o antro de promiscuidade ao qual penetrara. Todavia, os olhos azuis diante de si postados tragaram ao pintor toda a chama de vida, sendo encontrado morto em seus aposentos, ao final do relato, com incisivo corte no pescoço a exaurir-lhe todo o sangue. É que, ante a proposta de casamento formulada à pequena eslava, respondera-lhe a jovem de forma picaresca, retorcendo suas feições em bizarro esgar de modo a demonstrar ao pintor toda a sua repulsa à repentina oferta matrimonial. A narrativa figurara dentre os contos insertos na obra "*Avenida Niévski*", escrita entre os anos de 1832 e 1842, editada no Brasil em julho de 2012 pela editora Cosac Naify.

## O capote do barnabé

Inserira-me o condutor, a seguir, em grupo de eloquentes funcionários públicos, postados em plena avenida, todos a trajar

“Em cruenta batalha  
 travada nas estepes,  
 vira-se obrigado  
 o herói a assassinar  
 o próprio filho,  
 não sem antes  
 prenunciar-lhe  
 singela escusativa  
 à prática de  
 abominável ato:  
 ‘Eu te dei a luz,  
 eu te matarei’.”

o mesmo capote negro aparentemente adotado por uniforme solene. Compreendi, de imediato, a intenção de meu persistente guia. Em meio à turba visualizei o pobre Akaki Akakievich, já nascido “*burocratizado, de uniforme e calvo*”, como o descrevera Gogol ao princípio de “*O Capote*”, editado em 1842, conto bem representativo da névoa cinzenta e depressiva a sobrepassar sobre o funcionalismo público russo.

Comprazia-se o personagem em efetuar intermináveis cópias de documentação oficial, comparecendo diariamente às sessões trajando capote de fazenda puida, cujo esgarçamento tornara-o alvo de zombaria de seus colegas de repartição. Sequer fora possível ao alfaiate Petrovich o cozimento do tecido, tomando-o por um monte de trapos ante a insistência do funcionário em aproveitar, a qualquer custo, os retalhos a lhe servirem de vestimenta. Empreendera Acaqui Acaquievich intensa contenção de gastos durante o período de um ano, ao intuito de destinar 80 rublos para aquisição de novo capote, havendo abolido, a tal propósito, o hábito de tomar chá à noite, obrigando-se, ainda, a efetuar as cópias à luz de velas, no quarto da esposa.

De posse, por fim, de novo capote, dele fora violentamente despojada a desventurada personagem ao regressar à casa na madrugada em que fora comemorada a estreia da indumentária, revelando-se debaldes os desforços empreendidos para a localização da vestimenta, incluindo-se, dentre estes, o decepcionante comparecimento ao gabinete de “*alta personalidade governamental*”. Afigurando-se-lhe insuportável, enfim, a perda de estimado capote, fora acometido Acaqui Acaquievich por altíssima febre, seguida por severa crise de angina, distúrbios psicossomáticos a levarem-no desgraçadamente à morte. Por sobre a ponte de Laliuquine o espectro do funcionário público passara a ser visto às noites, a todos assombrando em sua estranha sina: o arrebatamento de capotes.

### O coronel apaixonado

A imponente estátua da cavalaria cossaca, localizada defronte à catedral-mor de São Petersburgo, remetera-me à novela Taras Bulba, publicada pela primeira vez em 1835, cujo enredo, de cunho nacionalista, retratara as sangrentas batalhas travadas entre ucranianos e poloneses no séc. XVI. O texto, rememorou-me a entidade, exaltara a coragem e a determinação do coronel Taras Bulba, cujo filho Andriy perdera-se de amores por nobre cidadã polaca, salvando-a das agruras do cárcere para, enfim aliar-se aos poloneses no paroxismo da paixão. Em cruenta batalha travada nas estepes, vira-se obrigado o herói a assassinar o próprio filho, não sem antes prenunciar-lhe singela escusativa à prática de abominável ato: “*Eu te dei a luz, eu te matarei*”.

A novela, além de adaptada em ópera homônima de autoria do compositor ucraniano Mikola Lysenco, fora imortalizada nas telas no ano de 1962 pelo diretor J. Lee Thompson, em produção estrelada por Yul Brynner e Tony Curtis.

## Monumento ao nariz

A esta altura do percurso, já familiarizado ao espectro, observei-o sorridente à visão de estranho monumento erigido em sua homenagem, em plena área central de São Petersburgo, cujos traços modernistas assemelham-no a um nariz humano. Indaguei ao escritor se se encontrara em pleno gozo de suas faculdades mentais ao reproduzir, no ano de 1836, o famoso pesadelo “*O Nariz*”. Nele, o assessor de colegiado Kolaniov, ao despertar, percebe-se desprovido de seu órgão olfativo. Naquela mesma manhã, surgira o indigitado nariz em meio a pedaço de pão prestes a ser devorado pelo barbeiro Ivan Yakovlévitch, cuja indócil esposa dirigira-lhe severas imprecações, ao perceber a presença do estranho órgão atirado sobre a mesa: “*como foste capaz de cortar este nariz, sujeito desastrado?*”

As hilárias tentativas de localização das narinas por Kolaniov, contrapondo-se ao obstinado propósito de Ivan Yakovlévitch em livrar-se, a qualquer custo, de nauseante órgão, conferem ao relato envolvente dramaticidade satírica, a equipará-lo, à visão dos críticos, a verdadeiro sonho surreal. Que dizer dos insistentes pedidos formulados por Kolaniov para publicação de aviso de desaparecimento de seu nariz em periódico local? Ao negar-lhe o editor o pedido, notoriamente depreciativo à reputação do jornal, sugerira a Kolaniov a submissão do pleito a sagaz escritor, apto a abordá-lo como extravagante jogo da natureza a despertar a curiosidade da juventude.

Ao final da tarde, vento frio soprava por toda a extensão da avenida e meu guia, já impaciente, conduzira-me ao interior de confortável cafeteria inaugurada em 1840, cujo nome, talhado em antigo madeiramento exposto à porta do estabelecimento, jamais me sairá da memória: Tsar. Ao primeiro gole de vodka pude visualizar o meu companheiro a travar longas discussões literárias por aqueles salões, aos quais cotidianamente adentrara em companhia de Pútchin e Dostoyevski. A aura fantasmagórica, todavia, desvanecera-se, tão logo indagada das forças motivacionais a lhe conduzirem ao delírio comatoso final. Teria o escritor finalmente encontrado a paz depois após a crise espiritual a lhe arrebatara a saúde no ano de 1845 e a persegui-lo até o agônico leito da morte?

Deixou-me solitário a entidade, não sem antes sorver o restante da vodka servida em reluzente vaso de cristal. Excedera-me, por certo, ao sondar ao artista as razões do suplício a conspurcar-lhe a alma enferma. Constatada a irreversibilidade da partida, sustive o copo ao ar e, para a estupefação dos comensais, propus um brinde á translúcida entidade, bradando a plenos pulmões: “*Spasibo poka*” (Obrigado, amigo. Até breve.)

“Excedera-me,  
por certo, ao sondar  
ao artista as razões  
do suplício a  
conspurar-lhe  
a alma enferma.”



# A casa da Mariquinhas

Marcos Henrique Caldeira Brant  
Juiz da 11ª Vara Criminal de BH

O fado é um estilo musical típico português, nascido na velha Lisboa no início do século XIX e que se tornou rapidamente uma canção nacional. É o símbolo sonoro da pátria portuguesa. Geralmente, é cantado por uma só pessoa e acompanhado por violino, violoncelo e até por orquestra, mas não dispensa a sonoridade da guitarra portuguesa, também denominada viola. Mundialmente conhecido, o fado é forte concorrente ao título de patrimônio imaterial da humanidade.

O fado constitui-se num poema musicado, imperando a dor e melancolia e expressando, assim, o sentimento profundo da alma portuguesa. No início constituído de versos populares, acabou tornando-se mais literário e artístico. Os versos populares foram substituídos por versos elaborados e começaram a ouvir-se as décimas, as quintilhas, as sextilhas, os alexandrinos e os decassílabos. Na grande maioria das vezes, o poema retrata a dor, a saudade de tempos passados, a saudade de um amor perdido, a tragédia, a desgraça, a sina, o destino, o ciúme, a noite, as sombras, a cidade, as misérias da vida, criticando de modo geral a sociedade. Em suma, os versos falam de sentimentos profundos da alma portuguesa.

Dentre a gama de belos e sonoros fados, um merece especial destaque, o que se tornou mais popular em Portugal: "A casa da Mariquinhas". Lançado em 1961, com letra do jornalista, poeta e dramaturgo Silva Tavares (1893-1964), composição e interpretação de Alfredo Rodrigo Duarte (1891 - 1982), mais conhecido como Alfredo Marceneiro.

O tema "A casa da Mariquinhas" teve tal êxito que levou outros poetas portugueses a se basearem nele, como João Linhares Barbosa, em "O leilão da casa da Mariquinhas", Carlos Conde, em "Já sabem de Mariquinhas" e Lopes Victor, em "O testamento da Mariquinhas"; mais tarde, o próprio Silva Tavares voltaria com "Mariquinhas 50 anos depois". Mas o grande sucesso foi o de 1968, com a versão "Vou dar de beber à dor", letra e composição de Alberto Janes (1909 - 1971), interpretado pela inigualável Amália Rodrigues (1920 - 1999) conhecida como rainha do fado e aclamada "a voz de Portugal".

Ambas as composições musicais, por sua literalidade artística, retratam de modo bem particular a difícil vida fácil de uma prostituta lisboeta. Aliás, de todas as prostitutas em qualquer parte do mundo. Mariquinhas (diminutivo de Maria, muito utilizado antigamente) era, na verdade, cafetina de uma casa de passe, de tolerância, que existiu em Lisboa nos idos de 1930. Localizada em rua afastada, a casa, de arquitetura típica do primeiro modernismo, singela e discreta com janelas cerradas, era habitada por formosas e sensuais prostitutas e, como todos os prostíbulo, foi palco de momentos de alegria e farra, como também de tristeza e melancolia. Tudo aos olhos repressores da sociedade lisboeta.

Como bem afirmam os lusitanos, todos aqueles que escutam o fado "A casa da Mariquinhas" são unânimes em afirmar que nos versos cantados veem imagens reais. Deveras, ouvir atentamente "A casa da Mariquinhas" e "Vou dar de beber à dor", pela magia de suas sonoridade e letras e, ainda mais, nas vozes talentosas e

inconfundíveis de Alfredo Marceneiro e Amália Rodrigues, é sentir realmente em suas palavras e expressões detalhes construtivos, decorativos, mobiliário do prostíbulo e o dia a dia da vida mundana, sobretudo da boêmia de Lisboa, "a velha cidade". Experimente.

## A casa da Mariquinhas

*É numa rua bizarra / A casa da Mariquinhas / Tem na sala uma guitarra*

*E janelas com tabuinhas / Vive com muitas amigas / Aquela de quem vos falo / E não há maior regalo / Que a vida de raparigas / É doida pelas cantigas / Como no campo a cigarra / Canta o fado à guitarra / De comovida até chora / A casa alegre onde mora / É numa rua bizarra / Para se tornar notada / Usa coisas esquetesas / Muitas rendas, muitas fitas / Lenços de cor variada. / Pretendida, desejada / Altiva como as rainhas / Ri das muitas, coitadinhas / Que a censuram rudemente / Por verem cheia de gente / A casa da Mariquinhas / É de aparência singela / Mas muito mal mobilada / E no fundo não vale nada / O tudo da casa dela / No vão de cada janela / Sobre coluna, uma jarra / Colchas de chita com barra / Quadros de gosto magano / Em vez de ter um piano / Tem na sala uma guitarra / P'ra guardar o parco espólio / Um cofre forte comprou / E como o gaz acabou / Ilumina-se a petróleo. / Limpa as mobílias com óleo / De amêndoa doce e mesquinhas / Passam defronte as vizinhas / P'ra ver o que lá se passa / Mas ela tem por pirraça / Janelas com tabuinhas.*

## Vou dar de beber à dor

*Foi no Domingo passado que passei / À casa onde vivia a Mariquinhas / Mas está tudo tão mudado / Que não vi em nenhum lado / As tais janelas que tinham tabuinhas / Do rés-do-chão ao telhado / Não vi nada, nada, nada / Que pudesse recordar-me a Mariquinhas / E há um vidro pegado e azulado / Onde via as tabuinhas / Entrei e onde era a sala agora está / À secretária um sujeito que é lingrinhas / Mas não vi colchas com barra / Nem viola nem guitarra / Nem espreitadelas furtivas das vizinhas / O tempo cravou a garra / Na alma daquela casa / Onde às vezes petiscávamos sardinhas / Quando em noites de guitarra e de farra / Estava alegre a Mariquinhas / As janelas tão garridas que ficavam / Com cortinados de chita às pintinhas / Perderam de todo a graça porque é hoje uma vidraça / Com cercaduras de lata às voltinhas / E lá pra dentro quem passa / Hoje é pra ir aos penhores / Entregar o usuário, umas coisinhas / Pois chega a esta desgraça toda a graça / Da casa da Mariquinhas / Pra terem feito da casa o que fizeram / Melhor fora que a mandassem pr'ás alminhas / Pois ser casa de penhor / O que foi viver de amor / É ideia que não cabe cá nas minhas / Recordações de calor / E das saudades o gosto eu vou procurar esquecer / Numas ginjinhas / Pois dar de beber à dor é o melhor / Já dizia a Mariquinhas / Pois dar de beber à dor é o melhor / Já dizia a Mariquinhas.*



# Pedras quebradas, anúncio de alvoradas

José Fernandes Filho  
*Desembargador aposentado*

**C**onvivência de quase trinta anos, sólida amizade. Mais do que isso: relação de confidencialidade, ele sabendo tudo a nosso respeito, nós o conhecendo até a medula. Sonhos e ideais, desafios e frustrações, tudo reciprocamente revelado e compartilhado. Desde a época em que, para sobreviver, quebrava pedras, até o dia do recebimento do diploma de conclusão do segundo grau, lutador e sonhador. Homem de fé, várias vezes foi à Aparecida do Norte; contrito, agradeceu. E também de esperanças: sempre acreditou no amanhã, de merecidas vitórias. Humilhado com o registro, em ficha cadastral (semianalfabeto), decidiu estudar, otimista cinquentão. Durante seis anos, após o trabalho de motorista, frequentou curso noturno em escola pública. Aos colegas pouco assíduos cobrava presença; aos mais carentes ajudava, embora pouco lhe sobrasse da minguada renda.

Vida toda, alegria e otimismo. Quem o conhecesse, conviria com figura humana diferenciada. Granjeou amigos, sorriso permanente a abrir-lhe portas fechadas a sete chaves. Do guardador de veículos em vias públicas aos dirigentes de empresas estatais, todos reverenciavam sua empatia e reconhecida educação. Solidário e pronto para ajudar, praticante da ética da alteridade, campeão da perseverança, nunca o vi desanimado. Em quadras difíceis, dizia que as coisas melhorariam, incorrigível colecionador de utopias.

Vítima de acidente vascular cerebral, foi aposentado por invalidez na companhia de saneamento do Estado. Provento curto, insuficiente para a manutenção da família, desdobrava-se em outras atividades. Nosso motorista particular, cuidava dos carros e dos proprietários, destes com amor filial.

Fazia caminhadas, corria às vezes, até participante de peladas. Atleta, mais de um metro e oitenta. Comia bem, perigo à vista: ganhava peso, glicose elevada, preocupação de seu médico.

Um dia – sempre haverá um dia – chamaram-me com urgência à garagem do prédio. Encontrei-o sentado no chão, amparado pelos colegas, semblante alterado, olhar de quem já não enxergava, sinais de recorrente AVC. A ambulância demorava, aumentando nossa angústia. Transportá-lo em carro particular seria temeridade. Alívio: aparece alguém, enfermeiro de morador do condomínio, a confirmar o diagnóstico e sugerir que aguardássemos o atendimento médico, dotado de profissionais de saúde e equipamentos adequados à emergência. Lembrei-me de avisar a filha Camila. Ainda a nos ouvir, tirou do bolso o celular, que me entregou, vencendo a inércia. Cena inesquecível: mão ainda não atingida pelo acidente vascular, polegar para cima, repetiu o gesto de que gostava. Sem pronunciar palavras: vou melhorar, acreditem!

Levado ao hospital, poucos dias de sobrevida. Discreto sorriso, foi para o longe, sem deixar endereço, a exemplo de outros.

Pouco antes falecera minha sogra, há dois anos conosco no apartamento. Vida longa – noventa e quatro – agonia prolongada, fim previsível pelos médicos. Esperada, sua partida não nos surpreendeu. A viagem dele, imprevista, nos impactou. Lembrança que não cala. Depois de tanta luta, próximo dos bancos universitários, o vitorioso quebrador de pedras é convocado. Estariam a construir por lá alguma catedral?

Questionamento recorrente, antes e agora sem resposta: porque foi chamado tão cedo? Não teria direito a algum descanso nesta quadra final? Esposa, filhos e neto – todos órfãos. Amigos, muitos; todos perplexos. A mãe, velhinha, a quem assistiu de forma exemplar, zanzando pela casa à procura do seu Derlei.

Vitorioso ontem, derrotado hoje. A estranha Senhora, muda e superior, não dá satisfação aos que ficaram. Certamente porque os levará, também, outro dia?

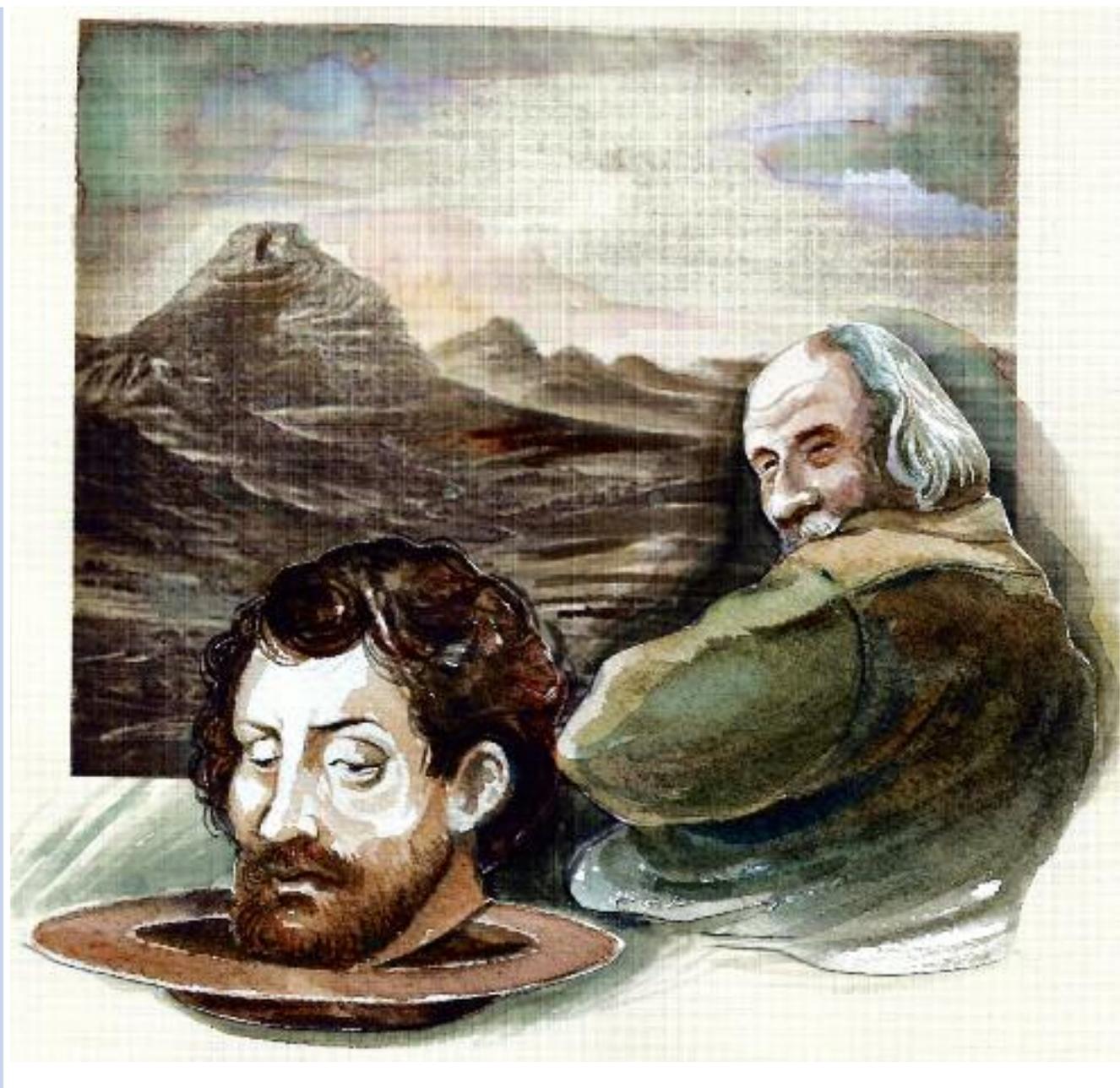
Estará ele a nos ver ou ouvir? Ou, em outra dimensão, como dizem, prescinde dos órgãos dos sentidos? Se nos vê, porque não se manifesta? Incapaz de nos ver e ouvir, perdemos tempo, leitor e eu, ambos a invocá-lo?

Respondo-me, frustrado: nada sei, dele e de todos, a partir do depois de cada um. Quando chamado (arranjem-me uma Senhora menos antipática), talvez possa satisfazer à curiosidade do leitor. Contar-lhe-ei tudo, se puder. Prometo.

Lições, várias. Testemunho, admirável. Comunicador de alegrias, anunciador de alvoradas. A provar que a vida é boa, embora curta para ele. Transbordou, rio indomado, rompendo margens. Renovada, fertilizada pela água, a terra – criadora e mãe – faz germinar a semente. Frutos à vista, messe abundante: vivo, à descendência, promessa cumprida.

Valeu, Vanderlei!

“Renovada, fertilizada  
pela água, a terra –  
criadora e mãe – faz  
germinar a semente.”



# O imaginário coletivo do Sacro Império das Serras do Espinhaço

Juscelino Magalhães

*Juiz de Direito em Ribeirão das Neves*

Coitado do dr. Juscelino, cismou que é escritor. Acha-se capaz de dar forma ao sentimento que impera na região em que nasceu, formada de vales sem planícies, incrustada nas escarpas da cordilheira do Espinhaço. Cheias de homens rudes e encardidos que, quando falam, mais parece grunhidos, o que raramente acontece: trata-se de almas ensimesmadas. Por baixo das carapaças existem pensamentos e sentimentos, ele afirma, por mais queimadas e secas que sejam as peles, o cérebro e o coração foram preservados, concluindo sempre com a afirmação de que ali existe vida inteligente. Pragueja quase sempre contra o falecido senador Claudiomiro de Oliveira, que disse que as terras do Espinhaço são ótimas para se criar calangos e lagartixas.

Venho em socorro do dr. Juscelino, bem sei que são mais os que querem o seu fracasso; teimoso como mula, arranjou inimigos de sobra em sua vida. Não direi quem sou. Aos curiosos de plantão, digo que posso ser o alter ego dele, um heterônimo sem nome ou o que quiserem. Sentindo falta de me nomearem, fiquem à vontade, me chamem do que cismarem, se quiserem, também, digam que ele é espírito e o que escreve é psicografia e que eu sou o espírito que lhe dita, ignorante por sinal. Se quiserem, também digam que ele é esquizofrênico e que tem a personalidade multifacetada e que eu sou uma delas. Nesta época em que ficou comum falar de memória genética e inconsciente coletivo, tudo é possível. Podem me chamar de reverendo X, gosto de religião, ou de cordeirinho, adoro São João Batista, o santo sem papas na língua. O que não dá é deixá-lo entregue aos lobos, sem um mínimo de alento e socorro, um mínimo de calor humano, mesmo que ele não saiba de onde vim. Por isso venho. Tenho alma de mais de 500 anos, sou testemunha ocular da ocupação da Serra do Espinhaço, principalmente de sua região menos nobre, e por isso mesmo, mais pobre. Em Diamantina, a terra abriu suas entranhas e vomitou cavacos de diamantes. A riqueza foi tanta que construíram a Estrada Real. Tudo quando ladeou essa estrada foi, de alguma forma, bafejado pela bonança que ela transportava. Fora dessa rota, restaram os rios, as matas densas e os riscos mais que os normais, pestes, serpentes e incertezas. Geralmente se valiam de armas que atacavam inimigos e gentios, mas que também apontavam, não raro, para familiares, amigos, e para as próprias cabeças. Observando a trajetória desses homens alimentados de ambições ou necessidades, cheguei à conclusão de que o ser humano é capaz de suportar tudo: fome, sede, peste, febre. O que o ser humano não aguenta mesmo é quando o mal vem na alma. Que o digam os entediados, os deprimidos, os melancólicos e os aloprados de todo o gênero.

Voltando a João Batista, sempre o associou à loucura. Até sua predestinação era louca: vir antes do Cara, abrir-Lhe o caminho e revelar-Lhe sua condição de Deus. Foi como as lagartas que antecedem as borboletas. Batizar Deus é enlouquecedor. Aí, até eu ficaria desorientado, com os miolos moles. Acho que por isso a igreja o mostra criança, geralmente a loucura vem nos mais velhos, em suas estampas, com a cruz e o cordeirinho, nome que às vezes adoto e fico feliz quando me chamam por ele. Enlouquecido, João Batista passou a falar demais, e o que é pior, a falar da preferida do rei Herodes, e tornou-se o primeiro registro histórico de alguém que teve a cabeça cortada pela ousadia de falar demais, o primeiro homem a se dar mal por não conseguir segurar a língua. Acabou transformado em um corpo sem cabeça ou em numa cabeça sem o corpo. Está aí uma questão metafísica da maior importância e complexidade que dará uma boa reflexão para alguns daqueles que pretendem explicar tudo, como se tudo carecesse de explicações. Esses tipos existem em todos os lugares, em todos os tempos, às vezes são engraçados, mas enchem mais do que agradam. Metem-se em tudo, sempre querendo dar a opinião definitiva. Tive notícias que alguns desses arriscaram explicações para a minha inquietação: uns diziam que era o corpo que perdia a cabeça porque naquele se encontra o coração, sede da alma, haja vista que é o único órgão que podemos perceber trabalhando. Outros diziam que era a cabeça que perdia o corpo, até porque depois que inventaram o aparelho de eletroencefalograma, a discussão de onde está a alma tornou-se assunto completamente superado e desnecessário. Para esses explico que tenho mais de QUINHENTOS ANOS, com letras maiúsculas, porque no encantamento da literatura tudo é possível, até mesmo ter-se quinhentos. Vocês bem sabem que Raul Seixas nasceu há dez mil anos atrás.

Morrer, morrer mesmo, não morri, exceto nas mortes metafóricas que se dão aos milhares no decorrer de uma vida, acredito até que morremos todo dia, mas nascemos no outro quando nada mais velhos. Bem sei, para um velho todo dia pode ser o último. Mas a idade não importa se a memória estiver preservada. Nem mesmo a visão, que em mim foi comida pelo tempo, me faz falta. A minha intimidade com as coisas é grande, transito nelas pela intuição. Tudo de ruim que podia me acontecer de ruim aconteceu nos olhos e, mais do que o futuro, o que me interessa mesmo é o passado. Também com a idade que tenho é possível dizer que o passado é maior do que o futuro. Que futuro uma pessoa da minha idade pode esperar?

Descobri que as pessoas ditas normais raramente são lembradas e não poderia ser de outra forma, já que elas, misantropas, só se preocupam consigo mesmas; a história não

existe para os que vivem na defensiva, os que são incapazes de um gesto de generosidade ou de loucura. Quando morrem, como por castigo, são adicionadas a uma pasta ordinária chamada mesmice. A loucura é o sal da terra e quase sempre ela aparece disfarçada de ousadia.

Sei que não tenho mais todo o tempo do mundo, tenho pressa. A vida é como uma roda gigante que leva alguns anos para completar uma volta inteira. Cada volta é um ciclo. Em algum momento estamos lá em cima, perto do céu; em outros, lá embaixo, perto do inferno. Disso ninguém escapa. Só de sabermos que a vida tem seus ciclos já estamos fazendo demais; tudo acontece muito depressa. Nunca há consenso, nem mesmo nas mínimas coisas. Outro dia ouvi um dizer que sete era o número perfeito. Baseava-se na Bíblia. Para mim, é o dezesseis, número das contas do Ifá. Conforme vocês podem ver, tudo é uma questão de crença, uma questão de fé. Mas se somar um mais seis dá sete, ou seja, dezesseis é também sete. Vocês podem até dizer que sou um chato e que só falo bobagens. Para dizer a verdade, nunca achei a religião coisa idiota, mas também nunca a achei coisa muito séria; sei muito bem que ela, boa ou má, é um dos combustíveis da esperança, mas também serve de escudo aos chupa-cabras que vivem de saquear o povo; é a forma de dominação mais terrível, porque se dá na alma. Mas também, se quiserem, podem me achar um chato-idiota. Podem me bater sem nenhuma complacência, pois na arte de apanhar sou campeão, já me acostumei; mas também não sou masoquista, só aprendi que o bom cabrito não berra, entra na dança.

Adoro a palavra *saudade*, talvez porque seja uma exclusividade da Língua Portuguesa tão maltratada, acredito que serei mais um a maltratá-la. Acredito até que a única saudade possível é a que cada um sente de si mesmo, em épocas especiais de suas vidas. Ninguém sente saudade do que lhe foi ruim. Só as coisas muito especiais fazem as lembranças virarem saudades. As lembranças más viram suplícios. A memória é tihosa, às vezes nos desobedece e insiste em não esquecer o que seria melhor no esquecimento. Fora o que é retido pela percepção ou pela emoção, tudo é resto, e resto é mesmo triste. Até a palavra é feia, de pronúncia arrastada. Resto é o que sobrou, e se sobrou é porque não presta. A vida não presta, mas para alguns presta, isso presta. Isso não tem graça nenhuma, mas que o mundo tem donos, isso tem. Gostaria de pensar que as coisas não fossem assim.

Tudo é tão contraditório! Segundo José Viana, a vida não tem nada a oferecer a não ser ela mesma. Coitado do Viana! Gostava tanto de viver que disse isso, mas sofreu na vida feito alma penada. Sempre lutou muito para perder de pouco. Mas também é verdade que ele nunca deixou de lutar. O que eu acho é que a vida não comporta generalizações, só comporta avaliações de cunho subjetivo, cada um tem a sua, que é diferente de todas as outras e pronto, nada mais a dizer. Agora uma coisa eu digo: os donos do mundo se divertem até ao orgasmo em nos ver, pobres mortais, pulando como minhocas em chapas quentes. Dizem que o mundo é um circo e a vida uma piada, ah, ah, ah!!!... Dá para se entender, a desgraça do rato sempre alimentou a alegria do gato, como os chineses gostam de dizer. Para mim, a vida é uma máquina de moer ilusões, tritar inocências e nem mesmo a ingenuidade ela permite.

Vivi toda minha vida em Esmeraldina, Santana de Ferros e Santa Maria de Itabira, minhas três cidades. Delas gosto mais de Santana de Ferros por uma questão de afinidade, mas gosto das outras duas também. Apesar de ter feito algumas incursões por

“A vida é como uma roda gigante que leva alguns anos para completar uma volta inteira.”

outras terras, sempre retornei aos meus torrões natais. Gosto tanto de minhas cidades que sempre que é preciso as fantasio, recorrendo ao imaginário. Posso ou não posso ter o meu imaginário? Por que eu não posso ter um pouco de fantasias? Sou pior do que os outros? Também sou gente e todos são iguais perante a lei! Está em todas as declarações de direitos humanos, até nas das três cidades. De tanto que eu gosto desses lugares, cheguei a ser acusado de plágio quando fiz uma estrofezinha de exaltação:

*“Amas com fé e orgulho  
Essas terras em que nasceste,  
Não verás nenhum torrão  
Bonito e agradável, como esses.”*

Seriam mais verdadeiros se dissessem que o poema é um fiasco, em vez de me acusarem de plágio. Ai, teriam sido mais verdadeiros. Mas o ser humano gosta de rodeios, de caminhos tortuosos. Pensei em escrever um livro quando descobri uma forma de revolucionar a literatura. Isso se daria editando os livros com letras de várias cores, de forma a poupar os leitores de lerem o que não gostam. Dou um exemplo de como isso funcionaria: o que falasse em morte seria escrito com letras pretas; o que falasse em amor, com letras vermelhas; quando se falasse em esperança, as letras seriam verdes, e assim por diante. Pela cor das letras, de antemão, já saberiam o que iriam ler e teriam a opção de não lerem. Gosto muito do simbolismo das cores, até porque rezo na língua iorubá e acho, sinceramente, que o Brasil deve o que tem de bom à alegria da raça negra, mesmo sabendo que negros não têm muito do que se alegrarem, já que lhes coube a parcela maior dos sofrimentos físicos e morais. Mas, certamente verão a Olorum, e isso é o que importa. Ainda tem o fato de que a alegria torna a vida mais suportável, mais leve. Literatura tem trechos bons e trechos chatos, acho que nada do que já foi escrito escapa dessa realidade porque, de acordo com a percepção de cada leitor, a afinidade aflorará em trechos diferentes da obra. É igual música clássica que, segundo Gil, um conterrâneo ilustre de Santa Maria de Itabira, é a coisa mais intragável do mundo. Segundo ele, para se ouvir um minuto de melodia agradável tem de se ouvir cinquenta e nove de ruídos aterrorizantes. O Gil está certo, pelo menos ele gosta de rap; pior é o dr. Luiz, também de Santa Maria de Itabira, que não distingue sons. Para ele, tanto é ruído um panelaço quanto uma sinfonia de Mozart ou uma melodia inspirada de Cartola. Não sei se a medicina já arranjou um nome para isso, mas com a autoridade da minha ignorância de quinhentos anos, classifiquei o dr. Luiz como daltônico-auditivo. A rigor, essa deficiência não lhe fez falta alguma, pois ele entende de mulheres e mulheres sempre foram mais importantes do que música, mesmo a de Beethoven; ele escolheu uma, linda, para se casar e teve atrativos suficientes para tomá-la de um rico fazendeiro na porta do altar. Também não gosto de músicas clássicas, apesar de conhecer algumas, dessas mais comuns, que sempre aparecem em coletâneas. O que não se pode mesmo é não gostar da música dos congadeiros da festa de Nossa Senhora do Rosário da cidade do Serro. Chego mesmo a pensar que uma das condições para se chegar ao céu é assistir a uma festa do Rosário naquela cidade e ouvir aquela música, Caboclos, Moçambiques e Catopês, tudo em maiúscula para honra e glória do mestre José Rabelo, do Geraldo Nagib e do Enir Generoso, que Deus os tenha.

“Mas o ser humano  
gosta de rodeios, de  
caminhos tortuosos.”

Querido leitor, me desculpa! Você deve estar pensando que sou idiota mesmo e que eu não disse nada, apesar de já ter escrito várias páginas, nenhum conflito interior, nenhum personagem esboçado, nenhum desatino por amor..., nada. Eu também me acho meio retardado e, o que é pior, retardado-revoltado. Há bem pouco tempo até pensei que estava ficando louco porque estava achando todos habitantes de minhas cidades ensandecidos e só eu lúcido no meio daquela loucura toda. Lembrei-me de Simão Bacamarte, que viveu e morreu pelas mãos mágicas de Machado de Assis, e cheguei à conclusão de que quem estava ficando louco era eu. Quando percebemos que estamos loucos a loucura deixa de existir. Sorte minha ter lido o *O Alienista* para um trabalho escolar. Sem ele eu jamais teria descoberto que estava louco. Até onde sei, sou o único louco reconhecidamente curado. Quem diria! Machado de Assis além de ser o mago das palavras ainda foi, sem que ninguém soubesse, nem ele mesmo, o único ser no mundo a curar um louco, não se tem notícia de outro caso. Só agora revelo isso à contemporaneidade. A genialidade dele é tão viva e extensa que é o único cidadão do mundo que poderia ter ganhado dois Prêmios Nobel: um de literatura e outro de medicina. Mas falando em Machado de Assis, Capitu traiu ou não traiu Bentinho? Nessa parte, eu acho que ele gastou vela com defunto ruim, foi perda de tempo criar tanto suspense, tanto mistério. Para mim, traiu mesmo o que se infere do simples fato de que ele se chamava Bentinho, o que não aconteceria se ele se chamasse Bentão. As mulheres gostam de homens fortes e um homem com o nome de Bentinho jamais poderá ser considerado como tal, apto a dar crias com boas chances de sobrevivência e de vencerem na vida.

“Não tenho como ser rebelde, porque em minhas cidades não existe causa que mereça uma rebeldia.”

Não tenho como ser rebelde, porque em minhas cidades não existe causa que mereça uma rebeldia. Toda peleja sem um bom motivo é tolice. No fundo, no fundo, acho mesmo que o meu objetivo é irritar quem me lê, até porque se eu tentar escrever coisa séria acabarão me acusando de plágio, como de resto já fui acusado uma vez. Todas as coisas sérias do mundo já repousam em alguma boa obra que se pode achar em uma boa biblioteca ou em um bom sebo. Leitor amigo, por favor, goste de mim. Existem coisas piores do que os meus textos. O que você prefere sentir? A indignação pela inutilidade do que escrevo ou o sentimento pavoroso do tédio? Quando estamos entediados até o ar fica amarelo-icterícia. Por mais que o mundo mova, o tédio nos paralisa, nos põe na mais absoluta catatonia, e até o nosso corpo parece adquirir peso superior às nossas forças. É como se fosse um quarto de completo isolamento, de escuridão e silêncios absolutos, impermeável a todos os estímulos de todos os sentidos. Só percebemos que estamos vivos pelo que sentimos, e no tédio os sentimentos são embotados. Mas tem também o limbo, que me parece ser irmão do tédio. Acho que o limbo pode ser definido como o tédio depois da morte. No limbo, até a dor é proibida. Achei lindo Donana do Magalhães, avó do dr. Juscelino, ter dado um pescoção no padre Nelson quando ele disse que a filha dela, que morreu pagã, já estava no limbo. Após socá-lo, a danada era muito forte, ela disse ao padre que um ser humano tem que prestar ao menos para o fogo do inferno. Tomou, papudo! Por isso agradeça-me, leitor amigo, pois, quando nada, lhe irrito, e a irritação é bem melhor do que o tédio. Também, na verdade, eu não saberia discorrer sobre grandes temas, minha inteligência é pouca e minha cultura menor ainda. O que penso conhecer mesmo são minhas três cidades, suas histórias e suas gentes.

Soberano mesmo, nesses quinhentos anos, só vi um ser: o TEMPO. Não é à toa que no Candomblé de Angola o tempo é Deus. Dá a vida e a morte, a doença e a cura, a alegria e a tristeza, a beleza e a feiura e transita em todos os interregnos. Há os que acham a morte soberana também, e cruel. Não, a morte é o tiro

de misericórdia que a vida nos dá após nos tratar como naus à deriva, nos enchendo de solavancos. Diga-se, a bem da verdade, o tempo e a morte não discriminam ninguém, tratam todos do mesmo modo, nem rico escapa. Nesses quinhentos anos, vi a roda da vida dar para mais de cinquenta voltas, vi pobres ficarem ricos e ricos ficarem pobres, mulheres e homens lindos virarem maracujá maduro. Da velhice e da morte ninguém escapa, só se morrer cedo, o que é pior ainda. Na verdade, sabemos mesmo que estamos velhos é quando uma inocente flatulência pode terminar em tragédia. Ao dar-me conta disso, por precaução, passei a andar com uma malinha onde guardo uma muda de roupas.

Vi coisas do arco da velha nesses quinhentos anos e se vocês tiverem paciência eu conto, mas só sei contar do meu jeito. Começo relatando um fato que me irritou muito: quando Jorge Luiz Borges foi filmado em um porto do Rio de Janeiro a caminho da Europa, em uma escala do navio em que ia, riu despudoradamente quando leu um dos poemas mais caros à nossa gente, um épico:

*“Minha terra tem palmeiras  
Onde canta o sabiá  
As aves que aqui gorjeiam  
Não gorjeiam como lá”*

Tive de aguentar aquele presunçoso declamar essa estrofe por mais de dez vezes, a cada leitura, mais gargalhadas dava. Tive vontade de lhe dar um sopapo, mas depois cheguei à conclusão de que o poema era fraquinho mesmo. Mas, em nome da honra brasileira, senti-me ofendido. Pensei: o poema pode não valer de nada, mas é de um poeta brasileiro. Senti-me vingado de Borges por três motivos: ele ficou cego; não ganhou o Nobel que tanto queria e morreu sem entender que não é possível ser racional na Argentina, porque racionalidade e

paixão são como água e azeite, nunca poderão andar juntos porque não se misturam. Aquele povo é movido a paixão, a mais louca e primitiva de que se tem notícia. Daí que a biografia de Borges é menor do que a de Evita Perón, que ele, talvez por despeito, chamava de prostituta vil. Coitado do Borges: morreu sem saber que o pedestal mais elevado que existe no mundo está edificado no coração das pessoas, principalmente as mais humildes, exatamente onde Evita foi entronizada e ainda reina.

Homem macho mesmo é o Ciro Lage. Após perder a esposa, apaixonou-se e deixou a barba crescer. Com sua calva absoluta e seus olhos azuis de olhar penetrante, adquiriu aparência de irmão gêmeo de Leão Tolstói; a única diferença é que a expressão de Tolstói passa um sentimento de perplexidade em relação ao mundo, por ter se dado conta da impotência humana ante a realidade. A expressão de Ciro Lage passa um misto de ternura e ódio e de que, realmente, ele tem o poder de ler o que está nos pensamentos das pessoas. Parece também com São Jerônimo, gosta de andar descalço como o santo sábio. Acima de tudo Ciro Lage é bom, e por isso foi abraçado pelos orixás que o quiseram para eles, especialmente Xangô. Foi-lhe dado mais um nome, “O Filho Amado Dos Orixás”, e a missão de sair pelo mundo justificando, já que pelas mãos dos homens a Justiça nunca é feita. No encontro com os deuses africanos, gostou mais de Ogum, achou linda sua espada e sua forma precisa de cortar cabeças; com apenas um golpe certo a cabeça voa. Pediu permissão a Xangô para também poder cortar cabeças, disse ao pai que ele tinha uma cimitarra, presente de um mascate árabe, que tinha um corte maravilhoso. Disse ainda a Xangô que pediria para Ogum lhe ensinar como decapitar com um único golpe. Xangô confabulou com Oxalá e, por fim, acabou permitindo, desde que antes da execução ele fizesse um julgamento, decidisse a pena, que nem sempre precisaria ser a capital. Depois disso, Ciro Lage passou a ter uma vida errante, andando pelo mundo à procura de injustiças a serem justificadas. Leva embornal onde guarda seus apetrechos, inclusive a espada ganhada do árabe. O primeiro embate que teve foi em Esmeraldina. Lá vivia o capitão Procório, que além de militar, era delegado. Como em terra de cegos quem tem um olho é rei, o capitão era absoluto. Gostava de punir os que caíam em suas mãos, desde que fossem pobres, de preferência pretos. Ciro Lage pediu inspiração a Xangô e fez seu julgamento. Aplicou-lhe a pena, tudo nos parâmetros da Justiça do Orixá. Para aquele homem teria que ser uma surra de chicotes em praça pública, na vista de suas vítimas. E assim foi feito. As chicotadas deixaram

“Acima de tudo  
Ciro Lage é bom, e  
por isso foi abraçado  
pelos orixás que o  
quiseram para eles,  
especialmente  
Xangô.”

“Por mais que  
possam nos impedir  
de viver as coisas  
boas da vida,  
nunca poderão  
nos impedir de  
observá-las,  
até mesmo para  
saber se são  
boas mesmo.”

algumas cicatrizes no capitão, mas as cicatrizes piores ficaram na alma. Ele mudou-se de Esmeraldina e lá não voltou mais, nem mesmo para atender aos convites que teve para ser padrinho de batismo. Quis matar Ciro Lage, mas nunca mais o viu. Os Orixás fizeram de Ciro Lage um ser invisível aos olhos do capitão. Ademais, o domicílio de Ciro Lage é o mundo, nunca fica somente em um lugar e, após fazer sua Justiça, sempre parte. Vive do que é encontrado com os que provam do corte de sua espada. Após as mortes, olha os bolsos dos mortos à procura de valores, e as suas bocas à procura de ouro. Não se sente ladrão, tudo o que faz é a mando dos Orixás; ademais sempre achou que os julgados deveriam pagar-lhe pelo julgamento e pela execução, aquilo dá trabalho e nunca admitiu o trabalho sem recompensa, não é escravo. Orixá não escraviza, muito pelo contrário, sublima a liberdade. Dessa forma, vai vivendo. Conversa pouco, gosta mesmo é de olhar e de ouvir; isso também é uma forma de sabedoria. Por mais que possam nos impedir de viver as coisas boas da vida, nunca poderão nos impedir de observá-las, até mesmo para saber se são boas mesmo. Na sua vida aparente de matulão, já que um filho de Orixá nunca poderá ser chamado de vadio, sempre que precisa Ogum lhe aparece para trabalharem juntos com a força de duas espadas.

Quem mais gostou da surra que Ciro Lage deu no capitão Procório foi o rábula Domingos Caldeira. Ele tinha mágoas do delegado, pois nunca conseguiu que aquele homem lhe soltasse um preso, por mais inocente que fosse. Sempre teve a sua má-vontade e o ordinário se julgava mais do que Deus. Para piorar, o capitão sempre lhe dizia que ele não era advogado e que só gostava de tratar com doutores. Sempre que era agredido, o rábula se defendia e dizia que diploma não quer dizer nada, até porque era doutor em compreender a natureza humana, os dramas das pessoas. Diz ainda que não trocaria nunca sua experiência de vida pelo diploma do dr. Antônio Machado, jovem advogado formado no Rio de Janeiro e que falava um Português castiço, cheio de efes e erres. Foi trazido para Esmeraldina pelo coronel Costa, que de tanto gostar de demanda, queria um

advogado só para ele. Machado nunca conseguiu entender o que os nativos lhes falavam e raras vezes se fez entendido. Domingos Caldeira por várias vezes lhe serviu de intérprete, mas chegou à conclusão de que estava ajudando concorrente, criando cobra para picá-lo, e por essa razão deixou de ajudá-lo. O rábula não entendia a discriminação do delegado, já que as coisas para a Justiça eram tão simples que não precisava nem mesmo ser rábula para entender: os coronéis tinham sempre razão e pronto. Não havia outra atividade possível além da de servir, servir e servir aos fazendeiros, aos donos de tudo, até das pessoas. Nunca achou que sua vida fosse muito diferente da dos escravos. Sem as migalhas que recebia dos donos das terras, morreria de fome. Havia, ainda, o agravante de que aqueles senhores eram todos bárbaros, no limite da ignorância absoluta, e nem mesmo tinham assimilado a ideia de que trabalho intelectual é trabalho também e, como tal, passível de remuneração. Ficava dividido entre se conformar para o bem de sua família ou de se rebelar, assumindo de vez sua irreverência, que aflorava sempre nos momentos em que se embriagava; e ele praticamente vivia bêbado. Nos dias em que a revolta inundava seu ser, costumava pegar um mosquetão, herança paterna, e literalmente parava o trânsito na rua onde morava. Ficava de arma em punho sentado na porta de sua casa e ninguém passava. Levaram anos para descobrir que a arma não tinha munição e que a ameaça era pura galhofa. Adorava ler Bocage e Gregório de Matos, que ele dizia serem malditos como ele, todos fadados ao fogo do inferno, ideia que ele adorava. Suspeitava que se fosse para o céu teria que conviver, por toda eternidade, com certas pessoas que ele via entrar na igreja do padre Modesto. Para ele, o céu com aquelas pessoas seria um lugar absolutamente insuportável. Entre ter de compartilhar a vida eterna com aquela gente, era mesmo preferível o inferno. Era, contudo, afetivo, para quem gostava. Com sua forma de viver, arranjou grandes amigos e inúmeros inimigos, mas todos tinham medo de sua língua afiada. Não foi à toa que ele viu com esperança a perspectiva criada pela chegada da Justiça de Ciro Lage.

“Para ele, o céu com aquelas pessoas seria um lugar absolutamente insuportável. Entre ter de compartilhar a vida eterna com aquela gente, era mesmo preferível o inferno.”

Senhor Presidente,

É sempre um prazer para mim, receber as edições desta extraordinária publicação cultural. Nunca deixei de apreciá-la, por sua riqueza, com textos da maior significação para quem se alimenta das coisas do espírito.

Neste último número 8 sensibilizei-me profundamente com o extraordinário trabalho do desembargador Gutemberg da Mota e Silva. Alphonsus de Guimaraens sempre foi para mim um dos maiores poetas da língua portuguesa e sua vida sempre me emocionou, por conhecê-la de perto, por leituras a este respeito e por ter convivido com seu filho Alphonsus Filho e, hoje, com seu neto Afonso Henriques Neto. O trabalho oferecido a nós pelo desembargador é qualquer coisa de notável, não só pela sua expressão literária como por sua pesquisa sobre a vida do grande Poeta. São páginas e mais páginas que desnudam a vida e a obra do patrono da nossa Academia Mineira de Letras, oferecendo a todos os leitores desta esplêndida revista um painel emocionante de uma vida singularíssima.

Com minha gratidão,

**Yeda Prates Bernis**

*Escritora, membro da Academia Mineira de Letras*

Caro Editor,

*MagisCultura* é prazer que se renova, e se amplia, a cada edição. A qualidade dos textos, a variedade dos temas, o cuidado gráfico e artístico, tudo isso reafirma a excelência do editor e o sucesso da iniciativa. Juiz aposentado, ou antes mesmo da reforma, creio que todo magistrado no fundo acalenta a veleidade literária, o que deve ser terrível para quem julga os escritos dos eminentes sentenciadores para uma publicação de alto nível. Quando fui editor do *Suplemento Literário* do *Minas Gerais*, já lá se vão décadas, muitos juízes tomaram birra da publicação porque não logravam êxito na nossa seleção, voltada para as vanguardas. Criticavam duramente o *Suplemento*, dizendo que era um foco de comunistas e subversivos. E nós estávamos ali, criando inovações na barriga do diário oficial, tal como Drummond, na década de 30! Você alcança resultado excepcional e justifica os aplausos. Agradeço a referência elogiosa no artigo sobre o Benito Barreto, merecedor do destaque que o número lhe confere. Gostei também da viagem do Desembargador Gutemberg da Mota e Silva ao universo alphonsiano, uma pequena e precisa biografia do nosso triste juiz de Conceição e de Mariana, esplêndido simbolista nascido em Ouro Preto.

Aceite o abraço do colega e amigo.

**Angelo Oswaldo de Araújo Santos**

*Ex-prefeito de Ouro Preto, é jornalista, escritor e estudioso da arte e da história barrocas mineiras*

Senhor Presidente,

Recebi, com muito agrado, a revista *MagisCultura* nº 8, o que agradeço sinceramente. Desejo vida longa à revista e, ao prezado amigo, as melhores felicidades.

**Jorge Lasmar**

*Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de MG*

Senhor Presidente,

Meus cumprimentos pelo trabalho de alta qualidade espelhado nessa revista, que, por todas as razões, não podia não ser de Minas.

**Marco Lucchesi**

*Escritor, membro da Academia Brasileira de Letras*

Senhor Presidente,

Com satisfação, acusamos o recebimento e agradecemos o envio da revista *MagisCultura Mineira*. Felicitamos o Excelentíssimo Senhor e a todos que contribuíram para o resultado final dessa elevada publicação.

**Wanderley Ávila**

*Presidente do Tribunal de Contas do Estado de MG*

Senhor Presidente,

Agradeço-lhe a gentileza da delicada oferta do número 8 da *MagisCultura*. Ele merece louvores.

**Oiliam José**

*Escritor, membro do Instituto Histórico e Geográfico de MG*

# NORMAS PARA ENVIO DE ORIGINALS

**MagisCultura** é uma Revista da Associação dos Magistrados Mineiros (Amagis), destinada à publicação da produção cultural de juizes e desembargadores de Minas Gerais, em exercício ou aposentados.

Serão aceitos para publicação textos de ficção – contos, crônicas, pequenas novelas, poemas – ou de estudos – artigos, ensaios, resenhas – ou, ainda, ilustrações – fotografias, pinturas, reprodução de esculturas.

A seleção dos trabalhos será feita pelo Conselho Editorial (ver nomes no Expediente).

Os textos deverão ser enviados devidamente digitados, pelo endereço eletrônico da Revista ([magiscultura@amagis.com.br](mailto:magiscultura@amagis.com.br)) e conter o máximo de 10 mil caracteres.

As ilustrações deverão ser enviadas em formato compatível com a publicação e com resolução mínima de 300 dpi.

Os prazos para envio dos trabalhos serão divulgados pelo *site* e demais veículos de comunicação da Amagis.



Ciente de seu papel social, a AMAGIS também se preocupa com a preservação do meio ambiente: esta revista foi impressa em papel reciclado (70% pré-consumo, 30% pós-consumo) com certificação florestal, atestando que foi produzido de forma ecologicamente adequada, socialmente justa e economicamente viável, razão pela qual ostentamos, a partir desta edição, o selo verde FSC.



**Endereço para correspondência:**

R. Albita, 194 . Cruzeiro  
Belo Horizonte . MG  
CEP 30310-160  
Tel.: 31 3079-3487  
[magiscultura@amagis.com.br](mailto:magiscultura@amagis.com.br)

[www.amagis.com.br](http://www.amagis.com.br)

Apoio Cultural

**CEMIG**

A Melhor Energia do Brasil.

